A Filha de Maria Angu, de Artur Azevedo

Fonte:
AZEVEDO, Artur. Teatro de Artur Azevedo - Tomo 1. Instituto Nacional de Artes Cênicas- INACEN. V. 7: Coleção Clássicos do teatro Brasileiro.

Texto proveniente de:
Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado pelo voluntário:
Sérgio Luiz Simonato - Campinas/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.
Para mais informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

A FILHA DE MARIA ANGU

Artur Azevedo

Adaptação brasileira da Opereta
La Fille de Mme. Angot de Siraudin, Clairville e Koning
Música de Lecocq
Nova edição, Alterada
1893

Opereta em 3 atos

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Teatro Fênix Dramática, em 21 de março de 1876, e, depois de alterada conforme esta edição, representada pela primeira vez na mesma cidade, no Teatro Santana, em 17 de março de 1894

Personagens
Clarinha Angu
Chica Valsa
Ângelo Bitu
Sampaio
Barnabé
Sota-e-áS
O Escrivão
Cardoso
Guilherme
UmA Autoridade
Um Tipo
O Juiz da Fest
Chica Pitada
Gaivota
Genoveva

Babu
Teresa
Leonor
Cidalisa
Mademoiselle X
Operários, jogadores, Urbanos, Festeiros, cocotes, Soldados da polícia, pessoas do povo, etc.
A ação do 1º e 3º ato passa-se na freguesia de Maria Angu, e a do 2º na cidade do Rio de Janeiro, em 1876.

Ato Primeiro

Praça pública em Maria Angu. A esquerda uma casa com este letreiro: “Barnabé, barbeiro e sangrador. Apelica bixas.” Ao fundo, uma grande fábrica com este letreiro: “Fábrica de Fiação e Tecidos Pinho & Companhia.”

Cena I

Botelho, Cardoso, Guilherme, Gaivota, Teresa, Operários depois Barnabé

Coro
- Que prazer,
Que alegria
Deve haver
Neste dia!
Pois Clarinha
Casadinha
Enfim nós vamos ver!

Os Homens (À esquerda.) - Olá! Olá! Barnabé! Olá!
Barnabé (Aparecendo à janela.) - Aqui estou!
Todos - O Barnabé lá está!
Barnabé - Já lá vou! (Desaparece.)
Uns - Que pressa tem!
Outros - Faz muito bem!
As Mulheres (À direita) - Clarinha! Clarinha! Clarinha!
Babu (Aparecendo à janela.) - ‘Stá se aprontando a sinhazinha.
Todos - Que diz a mulatinha!
Babu - Mas não se pode demorar,
- Pois o véu já foi colocar.
Barnabé (Saindo de casa, vestido de noivo.) - Gentis amigos meus
Aqui estou! Aqui estou!
Eu sou feliz, meu Deus!
Coplas
I
- Inda um sonho me parece
Tudo quanto aconteceu!
Toda a minha alma estremece
Estremece o peito meu!
Todo mundo agora inveja
O prazer que vou sentir...
Vou solteiro entrar na igreja
E casado vou sair!

Vendo as coisas neste pé,
Sinto dentro um quer-que-é!
Coro
- Nosso amigo Barnabé
Sente dentro um quer-que-é!
II
Barnabé - Vai chegar a noiva amada
Nos seus trajes virginais!
Vai chegar envergonhada,
E mais bela, muito mais!
Meus senhores e senhoras,
Tenham compaixão de nós:
Não nos macem muitas horas...
Nós queremos ficar sós!
Vendo as coisas neste pé,
Sinto dentro um quer-que-é!
Babu (À Janela.) - Aí vai a noiva bela!
Barnabé - Ah! É ela!
Todos - É ela!

Cena II

Os mesmos, Clarinha Vestida de noiva e acompanhada pela madrinha de casamento

Coro
- Aí! como vem galante!
Assim tão elegante
Ninguém há!
Meu Deus, está tão linda!
É mais bonita ainda
Vestida como está!
(Durante toda esta cena, Clarinha deve conservar os olhos baixos.)
Os Homens - Vem abraçar a gente!
As Mulheres - A nós primeiramente!
Barnabé -Vão amarrotar-lhe o vestido!
Abraça apenas teu marido!
Clarinha -Da mesma forma amarrotá-lo-ia!
Cardoso (Repelindo Barnabé.) - Sim! sim! Pra trás!
As Mulheres - Então Clarinha,
Que dizes tu desta festinha
Clarinha - Que digo eu?
As Mulheres -Fala!
Clarinha - Não sei.
Romança
I

- Meus qu’ridos pais, vós dissestes-me um dia
Que era preciso de estado mudar:

Contrariar-vos eu não pretendia,
E consenti sem me fazer rogar.
Mas, com franqueza, aqui digo e sustento
Que ignoro ainda em que vou me meter...
Que poderei dizer do casamento?
Eu nada sei, nada posso dizer...
Coro
Candura só Clarinha tem!
Barnabé - Ela nada sabe! Ainda bem!
II
Clarinha - Aqui fiquei, orfãzinha inocente,
E resolvestes mandar-me educar;
Tudo aprendi, isto é, tão somente
O que uma moça não deve ignorar.
Fui até hoje ajuizada e modesta,
E de hoje em diante de certo o serei;
Mas só direi o que penso da festa
Quando souber, pois ora não sei...
Coro
- Candura só Clarinha tem!
Barnabé - Ela nada sabe! Ainda bem!...
Botelho - Para a Matriz marchar sem mais demora!
Cardoso - Para a Matriz? Cedo inda é!
Temos por nós inda uma hora,
Para cair num balancé!
Barnabé - Vou para perto da Matriz,
Sentar-me vou no chafariz,
Pois junto ao templo do himeneu,
Mais paciência terei eu!
Coro
- Pois dito está!
Vamos pra lá!
Que prazer,
Que alegria
Deve haver
Neste dia!
Pois Clarinha
Casadinha
Enfim nós vamos ver!

Cena III
Os mesmos, Chica Pitada

Chica - Ouçam!
Todos - Que é?
Chica - Um obstáculo se opõe ao casamento!
Todos - Um obstáculo!
Barnabé - Bonito!
Chica - Não é nada de cuidado. Sossega, Barnabé, que não te foge a noiva! Trata-se de uma pequena contrariedade. Vou dizer o que tenho a dizer, mas é preciso que Clarinha não esteja aqui. (Levando-a para casa.) Entra por algUns momentos... vai...
Todos (Entre si, murmurando.) - Que será? Um obstáculo!

Cena IV
Os mesmos, menos Clarinha e Babu

Guilherme - Vamos! Desembuche! Que há de novo?
Todos - Fale! Fale!
Botelho - Vamos, senão rebento!
Barnabé - Estou em brasas!
Chica - Lá vai rapazes! Sabem vocês que nos metemos em boas?
Cardoso - Quais boas, homem?
Chica - Quando a defunta Maria Angu morreu, pobre que nem Jó, ela que tinha tanto dinheiro, e deixou no mundo uma filhinha que, com a graça do Senhor, nasceu no Hotel Ravot, lá na Corte...
Todos - Sim, sim! E que mais?
Chica - Não estivemos com meias medidas, hein? Dissemos Todos a uma: Já que a pequena não tem pai, nem mãe, há de ser filha da gente cá da fábrica! Foi dito e feito, rapazes! Vocês ficaram sendo pais (Às mulheres.) e nós, mães! Ora aí está!
Teresa - Até aí morreu o Neves.
Guilherme (Meio triste.) - Mas para que diabo vir cá lembrar essas coisas?
Chica - Essas coisa pouco têm que ver com o que lhes quero contar. O caso é que trasantontem fizemos uma grande asneira.
Todos - Uma asneira!

Chica - Para podermos casar a pequena, como não havia certidão de idade, fomos ao Senhor Vigário e declaramos que ela era filha do Alferes Angu e de sua mulher, Dona Maria Ernestina de Carvalho Angu.
Todos - E daí?
Chica - Daí que a pequena tem vinte anos e há vinte e dois que o Alferes Angu deu a casca!
Cardoso - Nem tal nos passou pela cabeça!
Botelho - Mas havia de passar pela do alferes...
Chica - Não me interrompam! Ontem mandaram uma carta anônima à comadre do Senhor Vigário, dizendo que a Clarinha entrou neste mundo dois anos depois que o pai saiu.
Barnabé - Que é lá isso? Então minha noiva não é filha do seu pai? De quem então é ela filha?
Chica - Valha-me Nossa Senhora! Não há de ser do outro senão daquele sujeito rico que lhe dava cama e mesa no Hotel Ravot.
Barnabé - A quem? Ao pai de minha?...
Chica - Não: à mãe... Era um barão muito rico!
Barnabé - Quem?... a mãe?...
Chica - Não: o pai!
Barnabé - O pai da minha noiva, um barão! Que honra, meu Deus! que honra para um barbeiro sangrador! Ó seu Botelho, o pai, sendo barão a filha que vem a ser?
Botelho - Baroa!
Cardoso - Continue, tia Chica Pitada. Que tem a comadre do Senhor Vigário com o que nos acaba de contar?
Chica - A comadre nada; mas diz o Senhor Vigário que é preciso por força arranjar-lhe outro pai.

Todos - Ah!
Botelho - Se o noivo estiver pelos autos!
Barnabé - Eu? ora essa! Não me caso com o pai, caso-me com a filha!
Guilherme- E podes levantar as mãos para o céu! Aquilo é mesmo uma tetéia!
Gaivota - Nós, que lhe servimos de pai e mãe, não olhamos as despesas para dar-lhe uma educação esmerada.
Cardoso- Foi criada como uma marquesa!
Chica - Podes dizer uma princesa, porque o foi no colégio das irmãs de caridade.
Guilherme - Razão pela qual ficou com um ligeiro Sotaque francês que lhe dá muita graça.
Teresa - E que juizinho o dela! Como é modesta... inocente!...
Barnabé - Oh! lá inocente é ela! Por isso meto eu as mãos no fogo!
Cardoso - E ainda te queixas?
Barnabé - Tão inocente que não se atreve nem a olhar para mim que sou seu noivo!
Chica - Que diferença entre mãe e filha!
Barnabé - É verdade: vocês que conheceram como as palmas das mãos essa famosa Maria Angu, que deu nome a esta freguesia, digam-me: é verdade tudo o que contam a seu respeito?
Chica - Se é verdade? Ora essa! Ouve lá, meu rapaz!...
Coro
I
- Na fábrica do Pinho
Ainda a encontrei
Era um santo Antoninho,
Onde é que te porei!
Se acaso lhe tocava
Algum sujeito, zás!
(Deita as mãos nas ilhargas.)
Aqui as mãos botava
E agora vê-lo-ás!
Arrogante,
Petulante,
tendo Uns cobres no baú,
Respondona,
Gritalhona,
- Era assim Maria Angu!
Coro - Arrogante, etc.;
II
Chica - Andou por Sorocaba
Por Guaratinguetá,
Por Pindamonhangaba
Por Jacarepaguá.
Depois, em Caçapava,
Um certo capitão
Vendeu-a como escrava
E foi pra correção!
Paraíba
Guaratiba,
Chapéu d'Uvas, Iguaçu,
Itaoca
Aiuroca
Tudo viu Maria Angu!

Coro - Paraíba, etc.
III
Chica - Enfim, por toda a parte
Depois de muito andar,
Sem mais tirte nem guarte
Na corte foi parar;
Um barão com grandeza
Por ela se enguiçou,
E deu-lhe cama e mesa
No grande Hotel Ravot!
Arrogante, etc.
Barnabé - Tudo isso é muito bom, mas vamos, vamos, que se vai fazendo tarde! Eu sinto uma vontade de me casar...
Vozes (Fora.) - Viva o Imparcial! Viva Nhonhô Bitu!
Todos - Que é isto?Que barulho é este?
Chica - Ora o que há de ser?É o vagabundo do Nhonhô Bitu!
Guilherme - Quê! pois já saiu da cadeia?...
Teresa - Ele para lá na prisão!...
Cardoso - Não sei como diabo tece os pauzinhos! O Senhor Subdelegado, que não é para graças, manda prendê-lo todas as semanas, e daí a três dias aparece de novo o jornal!...
Gaivota - Mas por que o prendem?
Chica - Pois não sabes que ele é republicano, e escreve artigos contra o Senhor Subdelegado, que faz o que entende? Manda quem pode! E a graça é que está proibida a leitura do Imparcial, sob pena de três dias de prisão e multa correspondente... a três meses!
Barnabé - Se esse pássaro de arribação se contentasse com escrever gazetas contra A Autoridade, era bem bom, mas arrastar a asa à minha noiva!...
Botelho - Lá nesse ponto, Barnabé, podes estar sossegado.
Guilherme - Ora adeus! cá estamos nós!
Os Homens - E também nós!
As Mulheres - E então nós? e então nós?
Barnabé - Vocês tem razão, meus estimados sogros e sogras; quando uma rapariga tem tantos pais e tantas mães, não se deve temer um sedutor! (Rumor fora.)
Bitu (Fora.) - Meu povo, daqui a nada aparece o Imparcial! A assinatura são cinco mil réis por trimestre, pagos adiantados! Número avulso, cem réis! (Entrando.) Daqui a pouco será distribuído o interessante e enérgico periódico o Imparcial! Vem descompostura bravia! Viva a liberdade de imprensa!
Vozes (Fora.) - Viva! viva!

Cena V
Os mesmos, Bitu

Botelho - Então já saiu do xilindró, Nhonhô Bitu?
Bitu - Olé! que chiquismo!
Guilherme - Mais dia, menos dia, o senhor é enforcado ali ao Largo da Matriz!
Bitu - Não creia nisso, Mestre Guilherme; fui hoje solto pela qüinquagésima; mas é muito provável que me prendam daqui a pouco, logo que se distribua o Imparcial, para ser solto amanhã. E que fazem vocês, infelizes filhos de Maria Angu? Que fazem vocês, que não reagem contra as arbitrariedades de um burlesco fanfarrão, arvorado em autoridade policial? Mas, ora adeus! diz o ditado “o boi solto lambe-se todo”; eu mesmo preso lambo-me bem...
Barnabé - Então você é boi?
Bitu - Já estabeleci na Câmara Municipal, isto é, na cadeia, o meu escritório de redação.

Cardoso - Mas o senhor quem é e de onde veio, não nos dirá?
Bitu - Pergunta-me bem a quem não lhe pode responder. Todos sabem a minha história, menos eu, que ignoro quem sou, de onde vim e para onde vou. Aqui onde me vêem está um grande homem! Abraço as idéias do século e pugno pela nobre causa da democracia! Em 1867 tentei proclamar uma pequena república na Ilha dos Ratos! Foi a falta de metal sonante que me privou de fazer lavrar a minha santa propaganda...
Barnabé (À parte.) - Santa propaganda! nunca vi esta santa na folhinha!
Bitu - Mas para que todo este aparato?
Barnabé (À parte.) - Um bonito nome! Propaganda!
Chica (A Bitu.) - Temos hoje um casório.
Barnabé (À parte.) - Quando tiver uma filha, hei de chamá-la Propaganda!
Botelho (Mostrando Barnabé.) - E o futuro está presente.
Bitu - Pois é este paspalhão? Estou passado!
Barnabé - Paspalhão é ele!
Bitu - Meus sinceros parabéns, mestre Barnabé.
Barnabé - Aceito os parabéns, mas engula, engula o paspalhão!
Bitu - Pois engulo, essa não seja a dúvida.
Barnabé - E não engolisse!
Bitu - E com quem se casa este pax-vobis?
Barnabé (Entre dentes.) - Insolente!
Cardoso - A noiva é nossa filha.
Chica - A filha dos Operários da fábrica!
Todos - Clarinha!

Bitu - Clarinha? Ah! é a Clarinha? (Inclinando-se diante de Barnabé.) Nova edição de parabéns!
Botelho - A propósito, meu escrevinhador de gazetas; tenho a lembrar-lhe que a honra de nosso futuro genro nos é tão preciosa como a nossa, ouviu?...
Cardoso - E que se algum pelintra tivesse o desaforo de ... Percebe?
Guilherme - Tinha de se haver conosco, entende!
Os Homens - Com Todos nós!
As Mulheres - E então nós!
Bitu - Que querem vocês dizes na sua?
Cardoso - Simples advertência, Nhonhô. Agora rapaziada, vamos embora!
Todos - Vamos embora!
Coro - Arrogante petulante, etc., etc., (Saem Todos.)

Cena VI

[Bitu]

Bitu (Só.) - Com que então ela casa-se... apesar de todas as suas promessas, apesar do juramento, que lhe fiz, de matar-me, se se ligasse ao paspalhão do barbeiro! Olhem que é mesmo um paspalhão! Mas, enfim, louvado Deus, não me hão de faltar consolações, e, para prova, aqui está uma cartinha que acabo de receber pelo correio. (Lendo.) “Senhor Ângelo Bitu. Uma pessoa que vela pelo senhor e se desvela pelo seu bem estar, espera que depois d’amanhã se ache no Largo do Rossio, na Corte, às quatro horas da tarde, junto ao quiosque que fica em frente à Rua do Sacramento, e siga a preta velha que lhe disser: venho da parte daquela que se desvela pelo senhor”. (Declamando.) E com tanta vela estou às escuras! Não importa! Tomarei o trem das dez... Naturalmente esta carta é escrita por uma mulher... (Cheirando a carta.) Isto não é cheiro de homem...

Rondó

- Eu gosto muito da Clarinha,
Mas não devo me entristecer,
Pois quero crer que esta cartinha
Consolação vem me trazer.
Este perfume capitoso

Revela esplêndida mulher,
Que, desejando arder em gozo,
Nos lábios seus, meus lábios quer!
Eu gosto muito da Clarinha,
E ser quisera o esposo seu;
Digam porém, se é culpa minha
Coisa melhor baixar do céu!
- Esta carta misteriosa
Me pôs, confesso, o juízo a arder!
A mão que fez tão bela prosa
Ansioso estou por conhecer!
Eu gosto muito da Clarinha;
Ela, porém, vai se casar...
Passou-me o pé a Sinhazinha,
Hei de lhe o pé também passar!
De mais a mais este mistério
o meu espírito agitou!
Para saber se o caso é sério,
No trem das dez à Corte vou.
Mas deixe estar, Dona Clarinha,
Que, se me passa agora o pé,
Um belo dia será minha,
Ligada embora ao Barnabé!

Cena VII

Bitu, Clarinha, Babu

Bitu (Á parte.) - Ela!
Clarinha (A Babu.) - Ouviste bem? Está alerta!
Babu - Eh, eh, Sinhazinha! Veja o que faz!
Clarinha - Fica ali na esquina, e, se os vires, vem dizer-me depressa.
Babu - Ah, Sinhazinha! No dia do seu casamento! (À parte.) O que fará depois? (Sai.)
Clarinha (Indo resolutamente a Bitu.) - Então? Não me cumprimentas pelo meu vestuário?
Bitu (Friamente.) - Minha senhora...
Clarinha - Não gostas de me ver assim vestida?
Bitu - Se queres que te fale com franqueza...
Clarinha - O caso é que a estas horas eu já devia estar casadinha da silva...
Bitu (Tristemente.) - Casada...
Clarinha - Mas achei um pretexto para demorar a cerimônia: escrevi uma carta anônima ao vigário.
Bitu - E a cerimônia foi transferida à última hora?
Clarinha - Infelizmente a carta não produziu um resultado completo.
Bitu - E agora?
Clarinha - É preciso procurar outro pretexto; não achas?
Bitu - Se eu achasse, estava tudo arranjado.

Clarinha - Não te lembras de nenhum?
Bitu - O mais simples é este: declaras que morres por mim e que eu morro por ti; que somos dois morrões, como dizia o outro.
Clarinha - Mas não me havias pedido que guardasse segredo?
Bitu - Então não sabes por quê? Porque nada sou, porque não tenho onde cair morto... não passo de um simples jornalista da roça. A propósito: aqui tens o número de hoje do Imparcial. Tem de ser distribuído daqui a pouco. Estou só a espera do entregador; não o mostres por ora a ninguém.

Clarinha (Guardando o jornal.) - Eu já recusei dezenove pretendentes. Bem sabes que meus pais e minhas mães fazem empenho em meu casamento com Barnabé. Eu não tinha motivo algum para recusá-lo, e, se o recusasse, seria afligi-los. Que me restava a fazer, se devo tudo àquela boa gente?
Bitu - Casas por gratidão, não é assim?
Clarinha - Não! não me caso, mesmo porque, se o fizesse, tu suicidavas-te.
Bitu (Tirando uma grande faca.) - E suicido-me!... (Como quem quer cortar o pescoço.)
Clarinha - Acredito... acredito... guarda a faca! (Fá-lo guardar a faca.) Vê o dilema em que me acho; se me caso, matas-te; se não me caso, desgosto a meus pais e minhas mães. Ah! se minha verdadeira mãe estivesse em meu lugar, outro galo cantaria!
Bitu - Quem? Maria Angu?
Clarinha - Era mulher decidida! Para ela não havia obstáculo possível!
Bitu - Como diabo se sairia a velha deste entalação?
Clarinha - É nisso que estou parafusando...
Bitu - Parafusemos...
Dueto
Ambos - Esse pretexto desejado
Encontraremos, tu verás,
Pois diz um célebre ditado
Que a união a força faz.
Clarinha - Posso dizer que estou doente
Bitu - Isso não pega! Tens tão boa cor!
Clarinha - Vou procurar coisa melhor.
Bitu - Esse pretexto é deficiente.
Clarinha - Não! Não! Dificultoso está!
Maria Angu teria achado já!
Ambos - Maria Angu teria achado já!...
Bitu - Se o Barnabé, o teu futuro,
Exp'rimentar a força do Bitu?
Clarinha - Queres dar-lhe?
Bitu - Hein? que dizes tu?
Creio que enfim achei um furo!
Clarinha -Não! Não! Dificultoso está!
Maria Angu teria achado já!...
Ambos -Maria Angu teria achado já!...
Bitu - Ao Barnabé prevenirás,
Para ver se te renuncia,
Que tu, mais dia menos dia,
O enganarás...
Clarinha - Isso se faz...
Mas sem se dizer.
Bitu - Então não sei que possamos fazer!
Clarinha - Eu tenho um meio extraordinário
Que pode evitar tamanho desgosto:
No momento em que o S'or Vigário
Perguntar se caso por gosto,
Em vez de "sim", eu direi"não"!
Bitu - Tu dirás "não"?
Clarinha - Eu direi"não"!
Bitu -'Stá dito então!
Ah! que alegria em mim nasce!
Quero beijar-te a rubicunda face!
Clarinha - Vê que estou vestida assim!
Não queiras beijos de mim!
Bitu - Oh! que te importa o vestuário?

Ainda não foste ao Vigário!
Não me dás um beijo tu?
A teus pés morre o Bitu
Juntos
Bitu Clarinha
- Meu amor, não tenhas pejo! - Eu não quero, não desejo
Sem demora, dás-me um beijo Receber nem dar um beijo!

Ai, ladrão, não queiras tu Fica quieto, meu Bitu!
Que a teus pés morra o Bitu! Ai, meu Deus! Que fazes tu?
(No fim do dueto, no momento em que Bitu dá um beijo em Clarinha, Sampaio e o Escrivão aparecem ao fundo. Os namorados fogem, ele para a esquerda e ela para casa.)

Cena VIII

Sampaio, o Escrivão

Sampaio - Que é isto? Escândalos na via pública!...
Escrivão - Senhor Subdelegado, saiba Vossa Senhoria que aquele capadócio que deu as de vila Diogo é ele!
Sampaio - Ah! é ele? Mas ele quem, seu Escrivão?
Escrivão - Ele, o Ângelo Bitu, mais conhecido por Nhonhô Bitu.
Sampaio - O redator do Imparcial.
Escrivão - Tão certo como dois e três são trinta e dois às avessas.
Sampaio - Eu mandei-o soltar inda agorinha mesmo, e ele já aqui anda fazendo das suas?!
Escrivão - Em soltá-lo é que Vossa senhoria faz mal; para aquilo galés perpétuas por toda a vida e mais cinco anos!
Sampaio - Se aparecer de novo o pasquim, cadeia com ele!
Escrivão - Com o pasquim?
Sampaio - Com o Bitu, seu Escrivão! Você é um bolas!... Bem como com todo indivíduo ou indivídua que o ler em público!
Escrivão - As ordens de Vossa Senhoria serão cumpridas à risca. Mas eu achava melhor desterrar o tal Bitu.
Sampaio - Qual desterrar nem meio desterrar ! Você é um bolas, seu Escrivão! Por artes de berliques e berloques, o tal rabiscador veio ao conhecimento de meus amores com a Chiquinha Valsa... aquela rapariga da Corte, que parece francesa... aquela que foi passear à Europa à minha custa?...
Escrivão - Na verdade, só por artes de berloques e berliques...
Sampaio - E você compreende que, se aqui sabem de minhas relações com aquela mulher, vai tudo raso!
Escrivão - Se eu estivesse no lugar de Vossa Senhoria, bem pouco se me dava... Ora! um subdelegado!
Sampaio - Você é um bolas, seu Escrivão! pois não vê que sou chefe de família? Não tenho mulher, sou viúvo, mas adeus! aí estão três filhas solteiras... A propósito, seu Escrivão: recebi hoje notícias que a Chiquinha voltou da Europa. É preciso partirmos amanhã para a Corte. Vamos estabelecer de novo a banca, que há ano e meio me rendeu bem bom cobre. Você acompanha-me para evitar suspeitas, entende? E pode arranjar seu gancho, servindo de ficheiro...
Escrivão - As ordens de Vossa Senhoria serão cumpridas à risca.
Sampaio - O que pretendo fazer, antes de partir, é entender-me com o tal Bitu. Sei que é um troca-tintas, e não hesitará em quebrar a pena, mediante algumas pelegas.
Escrivão - Eu também estou convencido de que Vossa Senhoria alcançará mais com pelegas do que com a cadeia. (Vendo vir Bitu.) Olhe, a ocasião é excelente... ele aí vem..
Sampaio - Afaste-se, mas não vá para muito longe. Olhe que o cabra é capoeira! Quando eu gritar...
Escrivão - Cadeia com ele! As ordens de Vossa Senhoria serão cumpridas à risca. (Sai).

Cena IX

Bitu, Sampaio

Bitu - Separaram-se finalmente! Que amoladores serão estes?
Sampaio (Consigo.) Não sei por onde hei de principiar...
Bitu (Consigo.) - Que grande maçante!
Sampaio (Consigo.) Ora! pelo dinheiro! (Dirigindo-se a Bitu.) Não é o célebre redator do acreditado periódico o Imparcial, ao Doutor Ângelo Bitu que tenho a honra de...
Bitu - O próprio, menos o Doutor: não passei dos preparatórios.
Sampaio (Amável.) - Aceite minhas felicitações; sou entusiasta pelo seu talento... admiro os seus bonitos artigos...
Bitu (À parte.) - Apanho uma assinatura!
Sampaio - Apontar os abusos, desmascarar os intrigantes, difundir a instrução é muito bonito, é muito louvável, é... Mas o senhor tem sido muito injusto com um cidadão conspícuo, pai de três filhas solteiras, que é constantemente injuriado nas colunas do Imparcial.
Bitu - De quem se trata?
Sampaio - Do subdelegado desta freguesia. O senhor não o conhece...
Bitu - Não o conheço de vista, mas sei que é um refinado tratante!
Sampaio (Gritando.) - Senhor Bitu! (Vendo o Escrivão que espia ao fundo.) Vá embora! não há novidade! (O Escrivão desaparece.) O senhor sabe com quem está falando?
Bitu - Não tenho a distinta...
Sampaio - Eu sou o subdelegado!
Bitu - o Sampaio?! ... Ah!Ah!...
Dueto
Bitu - Pois quê! é o Subdelegado?
Sampaio - Sim, senhor: Subdelegado!
Bitu - Eu não tinha imaginado
Encontrá-lo agora cá!
Ah!ah!ah!ah!ah!ah!ah!
Sampaio - De que ri, não me dirá?
Bitu - Eu não ligava o nome...
Sampaio - Eu cá não me constranjo
Para propor-lhe um bom arranjo:
É matar o Imparcial,
Suprimir o seu jornal!
Bitu (Altivo). - Nem quero responder!

Sampaio (Á parte.) - Tratante, eu cá te entendo!
(Alto.) Se um bom conteco eu lhe oferecer?
Bitu (Com dignidade) - Então, quer me comprar? Senhor, eu não me vendo!
Sampaio - Pois bem! Dois contos! quer!
Bitu - Senhor!...
Sampaio - Então três contos, sim?
Bitu - Três contos...
Sampaio - Está dito?
Bitu (À parte.) - Três contos, safa! Um bom dote é bem bonito.
E não tem tanto o Barnabé!
Sampaio (À parte.) - Oh! Que bom! ele hesita! (Alto.) Eu já propus até
Três contos!
Bitu - Não!
Sampaio - Dou quatro!
Bitu - Não há meio!
Sampaio - Pois bem! pois bem! eu dou-lhe quatro e meio!

Bitu - Não! Eu quero inda mais!
Sampaio - Eu generoso sou.
Pois arredondo as contas e cinco dou!
Bitu - Cinco contos?
Sampaio - Pegou?
Bitu - Sim! aceito os cinco contos!
Sampaio - E o seu jornal acabará?
Bitu - O meu jornal acabou já!
Sampaio - E o senhor sai daqui?
Bitu - Já tenho os baús prontos!
Quero ser pago já e já!
Sampaio - Em minha casa o cobre está!
Juntos
Bitu Sampaio
- Sim senhor, fiz bom negócio - Sim senhor, fiz bom negócio
- Vou viver em santo ócio! Co'este grande capadócio!
Cinco contos eu ganhei! Cinco contos eu gastei,
Sou mais feliz que um rei! Porém melhor viverei
Brevemente estou casado! Posso agora sossegado
Viva o S'or Subdelegado Ser um bom Subdelegado!
Viva, viva o meu jornal! Morra, morra o tal jornal!
Viva, viva o Imparcial! Morra, morra o Imparcial
(Sampaio sai)

Cena X

Bitu, depois Babu

Bitu - Então, seu redator do Imparcial, sabe você o que acaba de fazer? Nada menos que vender a sua pena! Vendê-la, sem! Mas em que há nisto mal? Para velhaco, velhaco e meio. Eu gostava da Chiquinha Valsa como se pode gostar de uma mulher bonita. É a brasileira mais francesa que eu conheço! Ela andava também pelo beicinho, e, durante o tempo em que isso durou, passei uma vida de Lopes. Um dia apareceu este subdelegado em casa dela. Eu disse-lhe que não a queria em companhia de um matuto... Palavra puxa palavra... zangamo-nos... ela foi para a Europa... e o resultado foi perder eu a mina! Resolvi vingar-me deste Tipo! Vim para cá, fundei o Imparcial, tenho-lhe dado bordoada de criar bicho, e agora obrigo-o a gastar cinco contos de réis para tapar-me a boca. Isto é o que se chama habilidade, e o mais são histórias!
Babu (Correndo) - Saia! Depressa! Depressa! Aí vem toda gente! (Reparando.) Uê! Sinhazinha já foi?
Bitu - Já. Vai ter com ela, e dize-lhe de minha parte que já achei o pretexto que procurávamos.
Babu - O ... quê?
Bitu - Pretexto. Não se pode falar com gente inculta!
Babu (Repetindo a palavra para lembrar-se.) - Pretexto... pretexto... pretexto... pretexto... (Sai. Rumor fora.)
Bitu - Eles aí vêm! Coragem, Bitu! Um homem é um homem!...

Cena XI

Bitu, Cardoso, Guilherme, Botelho, Chica Pitada, Gaivota, Teresa, Barnabé, depois Clarinha à janela

Cardoso - Não é preciso tanta pressa. Temos tempo.
Barnabé - Mas olhem que minha noiva deve estar com cuidados! Ela ignora o motivo da demora do

casamento, e a estas horas supõe talvez - coitadinha! - que algum obstáculo mais importante nos prive da ventura de pertencer um ao outro!
Bitu - Se é só isso o que receia...
Botelho - Ainda o Nhonhô Bitu!
Bitu - Eu estava aqui à espera de Todos vocês.
Todos - Ah!
Guilherme - À nossa espera!
Bitu - Aí vai tudo em duas palavras: casando-se aqui com o mestre barbeiro e sangrador, Clarinha sacrificava-se à gratidão que lhes deve.
Barnabé - Que diz ele?

Cardoso - Cala a boca! (A Bitu.) Adiante!
Clarinha (Aparecendo à janela, à parte.) - De que pretexto lembraria ele?
Bitu - O que é verdade é que eu e Clarinha nos amamos!
Clarinha (À parte.) - Que ouço!
Bitu - Se até agora ocultei esta circUnstância, é que estava pobre; mas hoje o negócio muda de figura.
Clarinha (À parte.) - Hein?
Todos - Explique-se...
Bitu - Tenho cinco conto de réis!
Todos - Cinco contos de réis!...
Bitu - Portanto o que vocês podem fazer de melhor é dizer ao Barnabé que volte às suas navalhas e ao seu sabão, e aceitar-me em seu lugar.
Barnabé - Ah!
Todos - Oh!...
Guilherme - Então, que dizem vocês a isto?
Chica -Digo é que tenho visto muito homem descarado, mas assim também, não!...
Gaivota - Mas, dado o caso que Clarinha goste de você...
Barnabé - Deixe-se disso!
Gaivota - É uma suposição.
Todos - Sim... sim...
Gaivota - Quem é você? Donde vem? Para onde vai? Sabe dizê-lo?
Bitu - Querem saber quem sou? Sou um homem! Donde venho? Da Corte, onde fui educado... Aonde vou? Aonde o destino e o meu cobre me levarem.
Teresa - E onde foi buscar esse dinheiro? Que cabras não tem...
Bitu - Esse dinheiro? Arranjei-o com o Imparcial!
Chica -Pois é esse papelucho que lhe dá cinco contos de réis?
Todos - Ora!ora!ora!
Chica - Então pensa que comemos araras?
Bitu - Mas eu asseguro-lhes que...
Cardoso - E quando assim fosse? Julga que vendemos nossa filha como você vendeu sua folha?
Bitu - Mas eu já lhes disse que ela não gosta do Barnabé!
Barnabé - Isto revolta!
Cardoso - Cala-te, que vamos pôr tudo em pratos limpos. Precisamos entender-nos com ela.
Botelho - Sim, está claro.
Cardoso - E quanto a você, seu imparcial, fique na certeza de
que, se ela o ama, damo-lhes cabo do canastro!
Clarinha (À parte.) - Que ouço! (Deixa a janela.)
Guilherme - E se ela não o ama, degolamo-lo! (Saem.)
Bitu - (Á parte.) - Estou metido em bons lençóis; enfim.
Barnabé (Voltando.) - Sim! se ela o ama.
Bitu (Ameaçando.) - Ai mau! ai mau!...
Barnabé (Fugindo.) - Eu não!... Eu não!... (De longe.) ... dão-lhe cabo do canastro! (Sai)

Cena XII

Bitu, só

Bitu - Ah! seu Bitu, não bastam cinco contos para se alcançar quanto se deseja! E tinha você precisão de comprar a felicidade quando ela se lhe oferece grátis? (Mostra a carta.) Acaso esta mulher, que tão depressa esqueci, este anjo misterioso que vela e se desvela por mim, exige cinco contos de réis? Ingrato! Idiota!... para teu castigo suprimirás a tua folha, mas também não receberás semelhante dinheiro, que te escaldaria as mãos!

Cena XIII

Bitu, um Tipo, pessoas do povo

O Tipo - Ali está ele! ali está ele!
Bitu - Bonito! Aí chegam algUns dos meus Assinantes!
O Tipo - Viva o redator do Imparcial!
Todos - Viva! Viva Nhonhô Bitu!
Bitu - O Imparcial morreu, meus senhores! (À parte.) E sacrifico toda esta popularidade!
Todos - Hein?
Bitu - Morreu!
O Tipo - Não pode ser! De hoje em diante quem defenderá os interesses da freguesia?
Bitu - Procurem outro. Não esperem nada de mim. Amanhã piro-me para a Corte.
Todos - Ah!
O Tipo - Tu prometeste distribuir agora o jornal!
Bitu - Já lhes disse o que tinha a dizer!
Todos - Oh!
Final
Coro - Nhonhô Bitu, venha o jornal!
Sem mais tardar queremos lê-lo!
Se não aparecer , a gente vai-te ao pêlo!
É já
Pra cá
O Imparcial!

Cena XIV

Os mesmos, Cardoso, Guilherme, Botelho, Clarinha, Chica Pitada, Gaivota, Teresa, Operários

- Que será? Por que tanto alarido?
Assinantes - É Bitu que falta ao prometido!
Operários - Bitu é coisa ruim
E o seu jornal pasquim!
Assinantes - Não! não! não! não!
É antes um poltrão!
O Tipo - Não quer mais uma vez
Dormir lá no xadrez!
Clarinha (À parte.) - O Imparcial aqui vou ler
E deste modo me faço prender!
Coro - Mas ele prometeu, e nós queremos já!

Venha o jornal, senão apanhará!
O jornal! o jornal!
Nhonhô Bitu, venha o jornal, etc.
Clarinha(Lançando-se no meio de Todos.) - Ouçam lá!
Barnabé - Que vens aqui buscar?
Clarinha - Desse jornal que tanto faz gritar
Eu consegui um número arranjar!
Tenho-o cá,
E posso lê-lo já!
Bitu (À parte.) - Que diz ela!
Operários - Tu, a leres na rua!
Barnabé - E isso à hora de casar!
Cardoso - Pois esta pombinha sem fel
Tem a lembrança singular
De ler na rua este papel!
Coro - Sim! vai ler e nós vamos ouvir!
Mas ela vai para a prisão...
Bitu (À parte.) - Eu tremo!
Clarinha - Haja atenção!

Cena XV

Os mesmos, o Escrivão, que entra e observa cautelosamente tudo quanto se passa

Coplas
I
Clarinha (Lendo o jornal.) - Esta maldita freguesia
De um grande abismo à beira está
Não tem o povo garantia,
Moralidade aqui não há!
O famoso subdelegado
Do cargo seu não quer cuidar,
Porque leva esse desgraçado
Todas as noites a jogar!
É isto, leitores, pregar no deserto,
E não vale a pena, não vale, decerto,
Qu’rer dar remédio a tanto mal
No independente Imparcial!
Coro - É isto, leitores, pregar no deserto, etc.
O Escrivão (À parte.) - Ora espera! (Sai.)
II
Clarinha - Conquanto viúvo e já cansado,
E com três filhas a educar,
Tem o Senhor Subdelegado
Uma mulher particular.
Lá na Corte essa tipa mora,
Casa de muito luxo tem...
Tudo quanto ela deita fora

Paga este povo e mais ninguém!
É isto, leitores, pregar no deserto, etc.

Cena XVI

Os mesmos, o Escrivão, Soldados

Escrivão - Prendam esta senhora!
Coro - Céus!
Bitu - Isso não quero eu!
Alego sem demora
Que aquele artigo é meu!
Escrivão e Soldados - Para a prisão sem tardar!

Bitu - O preso devo ser eu!
Escrivão e Soldados - Para a prisão sem tardar!
Bitu - Pois se aquele artigo é meu!
Escrivão E Soldados - Para a prisão sem demorar!
Barnabé - Ai! fica o noivo em casa só,
E a noiva vai pro xilindró!
Clarinha - Deixem, deixem que me prendam!
Vou contente pra prisão!
Não dispute, não contendam!
Assim quer meu coração!
Bitu - Oh! entreguem-na ao desprezo!
Vossem'cês não têm razão!
Sou eu que devo ser preso,
Eu que devo ir pra prisão!
Barnabé E Operários - Oh! meu Deus, que coisa feia
Ir Clarinha pra prisão!
E livrá-la da cadeia
Ai! não está na nossa mão!
Escrivão - Prendam, prendam sem demora!
Não aceito apelação!
Levem, levem a senhora
Direitinha pra prisão!
(Durante este Coro, grande movimento. O Escrivão arrasta Clarinha, enquanto os Soldados cruzam as baionetas contra o povo, que se quer opor à prisão.)

[(Cai o pano.)]

Ato Segundo

Sala muito rica. Portas laterais e ao fundo. Candelabros com luzes.

Cena I

Cocotes, sentadas aqui e ali; entre elas Cidalisa, Leonor, e Mademoiselle X; Sampaio, de pé, depois, Chica Valsa.

Coro de Cocotes - É decerto muito engraçado
O que acaba de nos contar!
Realmente faz espantar
O poder de um subdelegado,
Que até mesmo pode matar!
Se bem que em lugar afastado
Se desse o caso singular,
É decerto muito engraçado
O que acaba de nos contar!
Sampaio - Pois é verdade, minhas senhoras; foi assim que o caso se passou, em plena praça, e com uma rapariga que ia casar naquele dia!
Leonor - Na roça dão-se coisas!
Mademoiselle X - C'est incroyable!
Cidalisa - Mas que escândalo!...
Sampaio - Não há como ser subdelegado lá fora! Faz-se o que se quer, e mais alguma coisa!
Chica Valsa (Entrando.) - Seu Sampaio, veja se fala de outra coisa. Não há mais assunto para a conversa senão a sua subdelegacia?
Sampaio - Lá na freguesia eu posso quero e mando! Um vagabundo, vendo que aqui na Corte não arranjava farinha, arvorou-se em redator de gazeta, foi para lá, e fundou um pasquim, o Imparcial.
Chica Valsa (À parte.) - É ele!
Sampaio - O patife embirrou comigo, e toca a dar-me bordoada. Tenho apanhado como boi ladrão. No último número descobriu os meus amores aqui com a Chiquinha...
Chica Valsa (À parte.) - Deveras? (Alto.) Se você não fosse se gabar lá na roça do que faz aqui na cidade...
Sampaio - Eu gabar-me! Por meu gosto ninguém o sabia! Tenho três filhas solteiras!
Cidalisa - Adiante.
Sampaio - O tratante descobriu também que eu ia todas as noites jogar o vira-vira em casa de Lopes Boticário, e pôs-me a calva à mostra. Se eu não tivesse autoridade e se não tivesse dinheiro, estava a estas horas desmoralizado!
Mademoiselle X - C'est incroyable!
Sampaio - Mas que fiz eu? Proibi a leitura do Imparcial em público sob pena de cadeia!
Todas - Oh!...
Sampaio - Depois encontrei o troca-tintas a jeito e, vendo que com a cadeia nada arranjava (pois já o tinha mandado prender meia dúzia de vezes) prometi-lhe cinco contos de réis para acabar com o pasquim e bater a linda plumagem.
Chica Valsa - E ele aceitou essa proposta?
Sampaio - Aceitou, mas depois disso já saiu mais um número do jornaleco... e até essa data ele ainda não foi buscar os cobres.
Chica Valsa(À parte.) - Pois Bitu faria isso? (Alto.) Então? Joga-se ou não se joga hoje?
Mademoiselle X - Mais, dame! Le rende-vouz est à minuit!
Sampaio - O meu Escrivão foi prevenir os parceiros para a meia-noite. O Sota-e-ás incumbiu-se de trazer mais algUns.

Chica Valsa - O diabo é a polícia... Moramos num lugar tão público! Para evitar suspeitas, lembrei-me de iluminar a casa para um baile, como estão vendo.
Sampaio - É o diabo! os morcegos não dormem!
Chica Valsa - Tive outra lembrança. Os sujeitos que vêm cá jogar são muito conhecidos da polícia. Preveni-lhes que trouxessem barbas postiças e casacões. Com os senhores Urbanos é preciso muita cautela.
Mademoiselle X - C'est incroyable!
Chica Valsa - São finos como lã de cágado!
Coplas
Chica Valsa - Respeitai os senhores Urbanos!
Coro - Os Urbanos!
Chica Valsa - Não são pra graça tais maganos;
Tem olho vivo, espertos são,

E contra nós, paisanos,
Em guarda sempre estão!
I
- Como um corcel bem ardido a galope.
A morcegada avante vai!
Ninguém com ela tope,
Porque por terra cai!
Se acaso encontra uma senhora,
Bem pouco se lhe dá! esteja muito embora!
Aqui é cutilada!
Ali é pescoção!
Pontapé! Cabeçada!
Cachaça! Bofetão!
Coro - Respeitai os senhores Urbanos, etc.
II
Chica Valsa - Já não se pode estar tranqüilamente
Jogando numa reunião:
Na sala de repente
Os morcegos estão!
Abre de par em par a porta
A morcegada, e investe, arranha, fere e corta!
Uns correm pr'este lado
E os Outros para ali!
Metida em tal assado
Mais de uma vez me vi!
Coro - Respeitai os senhores Urbanos, etc.

Cena II

Os mesmos, Sota-e-ás

Sota - Boa noite! boa noite! Cada vez mais béias, mais aebatadoias!(A Chica Valsa.) Góia à deusa desta casa! (A Mademoiselle X.) Bom soir; passez-vous bien?
Mademoiselle X - Oh! quel français! C'est incroyable!
Sota - Fancês muito bom! Apendi-o no Acazá! Tou aebatado! Boa noite, seu Sampaio... você tá na pesença de um home aebatado! (Dá um pulo e pisa Sampaio.)
Sampaio (Gritando.) - Oh! muito arrebatado!
Mademoiselle X - Quelle grâce!
Cidalisa - Como ele pula!
Leonor - E como cai tão chique!
Sampaio - Em cima do meu melhor calo! Muito obrigado!
Sota - Eu sei puiá! E dançá! Quem dança na Cote como eu? Sou um dançaino! (Dá viravoltas.)
Chica Valsa - O que admiro é sua imprudência de entrar aqui a estas horas, sendo jogador conhecido e sabendo que a polícia...
Sampaio - E que os Urbanos...
Sota - Óia! A poícia! os ubanos! Passei no meio deis!
Todos - No meio deles?
Sota - Acotoveiando-os assim! (Acotovela-os.)
Sampaio - Mas o senhor estava só?

Sota - Sozinho com a gaça de Deus e meu podê excutivo! (Brande a bengala)
Mademoiselle X - Aussi beau que charmant!
Cidalisa - E como é leve!
Sota - Como uma pena! Qué vê? (Vai para pular, Sampaio pega-lhe no pé.)
Sampaio - Deixe disso!
A Voz de Barnabé - Deixem-me entrar! deixem-me entrar!
Chica Valsa - Quem é? Quem é? (Entra Barnabé esbaforido, com uma mala debaixo do braço.)

Cena III

Os mesmos, Barnabé

Barnabé - Com licença, minha senhora... Desculpe... é que...

Sampaio (À parte) - Valha-me Nossa Senhora! É o barbeiro lá da freguesia! (Escondendo-se atrás de uma cadeira.) Vem atrás da noiva. Não há que ver!
Chica Valsa - Quem é este homem? que deseja?...
Barnabé - Minha senhora... preciso falar-lhe... eu... minha noiva...
Chica Valsa - Tome fôlego, senhor!
Sota - Como ei tem os cabeios eiçados!
Chica Valsa - E o olhar esgazeado!
Todos - Fale! fale!
Sampaio (À parte.) - Estou metido em boas!
Barnabé - Se tenho os cabelos esgazeados e o olhar eri... não!... o olhar esgazea... não...
Chica Valsa - Veja lá no que fica!
Barnabé - É que me sucedeu uma grande desgraça!...
Chica Valsa - E que tenho eu com isso?
Barnabé - Ia casar-me com um anjo que adorava, e...
Chica Valsa - E foi traído?
Barnabé - Por ora não; mas ouça: no próprio dia de nosso casamento, ela foi presa por ler uma gazeta que se imprime lá na freguesia, apesar de estar proibida a leitura pelo subdelegado. No outro dia quiseram soltá-la e não a encontraram mais na prisão. O Escrivão do juiz de paz, a quem costumo ir aos queixos, contou-me tudo: minha noiva fugiu aqui para a Corte em companhia do senhor subdelegado.
Chica Valsa - Mas de onde é o senhor?
Barnabé - Eu sou de Maria Angu!
Chica Valsa - E o subdelegado chama-se?
Barnabé - Chama-se Seu Sampaio;
Chica Valsa - Ah!
Barnabé - Ora, como O senhor subdelegado, sempre que vem à Corte, hospeda-se em sal casa, eu vim pedir-lhe, Senhora Dona, que...
Sampaio (À parte.) - Estou arranjadinho...
Barnabé - Oh! se a senhora conhecesse a minha noiva... É tão inocente, coitadinha... Acredite que não fez aquilo por mal.
Romance
I
- Ela é muitíssimo inocente!
Supôs que não fizesse mal,
E pôs-se a ler o Imparcial
Pra que o ouvisse toda a gente!
Não julgou ser coisa imprudente

Em alta voz ler um jornal,
De mais a mais imparcial!
Ela é muitíssimo inocente!
II
- Ela é muitíssimo inocente;
Tem bem formado o coração;
Não tinha visto a proibição.
E foi filada incontinente!
Dói-me bastante vê-la ausente,
Porém não devo recear
Que alguém ma possa conquistar!
Ela é muitíssimo inocente!
Chica Valsa - Muito bem! Onde está o Senhor Sampaio? (Vendo-o.) Que faz aí escondido? Venha, que temos contas a ajustar! (Sampaio sai do seu esconderijo.)
Sota - C'est bon ça... c'est bon ça...
Barnabé - (Vendo Sampaio.) - Olé! Vai dar-me contas de minha noiva! (Avança.)
Sota (Suspendendo-o.) - Não se deite a pedê!
Sampaio (Atrapalhado.) - Espere, senhor! Vou explicar-lhe tudo. (À parte.) Esta gente não entende de justiça: posso mentir a meu gosto. (Alto e arrogante.) Nós somos subdelegado, entendem? Muito bem! A noiva deste senhor leu publicamente um jornal cuja leitura havíamos por bem proibir entendem? Tratava-se de uma menor branca e de bons costumes...
Barnabé - Eu arrebento!
Sota - Não aebente!
Sampaio - O código não previne este caso..
Barnabé - Eu é que o previno de que...
Sota - Não se deite a pedê. É a poícia que tá faiando. (A Sampaio) Continue a poícia...
Sampaio - Nós, como tínhamos que vir para a Corte, trouxemos a presa conosco.
Barnabé - Nós quem?
Sampaio - Nós eu! Quando A Autoridade fala, é nós!
Chica Valsa - Adiante!
Sampaio - Trouxemo-la conosco... e temo-la em depósito... Vamos apresentá-la ao chefe de polícia. (À Parte.) Foi bem sacada!
Chica Valsa - Sabe que mais? Vá buscá-la!
Sampaio - Hein?

Chica Valsa - Bem te conheço, quaresma mas não posso jejuar! Como o senhor, contando-nos a prisão dessa moça, não nos disse que a tinha trazido? Ande! vá buscá-la! (A Barnabé.) Você volte logo.
Barnabé - E a senhora promete-me?...
Chica Valsa - Sim, sim, mas volte logo!
Barnabé (Já risonho.) - Então vou ver as figuras de cera na Guarda-velha, e volto.(Vai saindo e dá um encontrão em Sampaio.)
Sampaio - Irra!... (Atira-o sobre Sota-e-ás.)
Sota (Empurrando-o.) - Passa f´óia!
Barnabé - Perdoem! (Sai.)
Chica Valsa - Esta rapariga é bonita?
Sampaio - Fazenda.
Chica Valsa - Foi um achado. Vá buscá-la.
Sampaio - Mas...
Chica Valsa - Não ouve? Nós o queremos!
Sampaio - É que...
Chica Valsa - Eu também sou autoridade!... eu também sou nós!...
Sampaio - Eu vou... eu vou... (Sai.)
Chica Valsa - Seu Sota, você hoje tem ocasião de falar ao Barão de Anajámirim?
Sota - Tavez
Chica Valsa - Diga-lhe que pode vir ver aquilo de que falamos. Olhe, vá procurá-lo. Adeus, até a meia noite.

Não falte!
Sota - Vou num puio! Como um zéfio!... (Antes de sair, dirige-se à Mademoiselle X e dá-lhe um pequeno embrulho.) O Amará lhe manda esse presente. Vem uma catinha dento. Adieu! Adieu! (Sai dançando.)
Chica Valsa (Às cocotes.) - Vocês por que não vão até o jardim do cassino que é tão perto? Ainda é cedo; até as onze e meia há tempo para fintar um paio.
Leonor - Ou mesmo dois! (Às outras.) Vamos?
Todas - Vamos! Até logo..

Cena IV

Chica Valsa, depois Genoveva

Chica Valsa (Só.) - O Sampaio e o jogo não me bastam. A incumbência é lucrativa, e não é a primeira que desempenho com felicidade. Se a pequena é realmente bonita, o barão me pagará bem... Hoje é um dia completo! Só me falta o meu Bitu!...
Genoveva (Entrando.) - Minh'ama, Senhô Sampaio trouxe uma moça vestida de noiva, que está esperando que vossemecê a mande entrar.
Chica Valsa - Já?! O tal depósito era perto! Diga-lhe que entre!
Genoveva (À parte.) - Entre, Sinhá! (Sai.)

Cena V

Chica Valsa, Clarinha

Clarinha (Ao fundo, consigo.) - Como isto é bonito!... Que luxo!... Como se deve viver bem aqui!...
Chica Valsa - Aproxime-se, moça!
Clarinha - Aqui estou, minha senhora!
Chica Valsa - Chegue-se mais!... (Reparando.) Gentes!
Clarinha - Que vejo!
Chica Valsa - Clarinha!
Clarinha - Tu aqui?! Conheces a dona da casa?...
Chica Valsa - A dona da casa sou eu...
Clarinha - Será possível?...
Chica Valsa - Nunca ouviste falar na célebre Chica Valsa? Sou eu!
Clarinha - Tu?... Mas no colégio chamavam-te Chiquinha Morais...
Chica Valsa - Deitei fora a moralidade, e o povo entrou a chamar-me Chica Valsa, porque ninguém Valsava como eu nos bailes do Pavilhão.
Clarinha - E o caso é que ficaste, mais do que eu, com este Sotaquezinho que nos deixou a educação entre franceses.
Chica Valsa - Eu faço de propósito para que tomem por francesa.
Clarinha - Eu já tenho perdido todo o Sotaque.
Chica Valsa - Mas conta-me a tua história, pelo menos de anteontem para cá.
Clarinha - É muito engraçada. Queriam casar-me contra a minha vontade com o mestre barbeiro lá da terra.
Chica Valsa - Continua.
Clarinha - Ora, eu não podia nem casar-me nem deixar de me casar.
Chica Valsa - Como assim?
Clarinha - Primeiro que tudo, porque há lá um bonito rapaz que julgo preferir...
Chica Valsa - Que julgas?
Clarinha - Que... prefiro, se assim o queres.
Chica Valsa - Agora entendo.

Clarinha - Segundo que tudo, esse rapaz tinha jurado matar-se, se eu me casasse com o barbeiro!
Chica Valsa - E tu acreditaste nisso, criança?
Clarinha - Se o conhecesses? É um rapaz destemido... meio maluco! - Esse casamento era imposto pelos,Operários da fábrica do Pinho, que me educaram...
Chica Valsa - Lembra-me bem: teus pais e tuas mães. Como vão eles?

Clarinha - Bem, obrigada. Enfim, para sair do embaraço em que me via, só tive um meio: deixe-me prender lendo um jornal cuja leitura...
Chica Valsa - Eu sei disso. Foi uma boa idéia.
Clarinha - O subdelegado foi à minha prisão, achou-me bonita, e perguntou-me: - Menina, quer ir para a Corte comigo? - Eu disse aos meus botões: Uma vez na Corte, escrevo ao meu namorado, reunimo-nos, casamo-nos,... aceitei a proposta do subdelegado.
Chica Valsa - E daí?
Clarinha - Daí, cá estou. Passarei pelo perigo e ficarei incólume, compreendes? O que não sei é para que me trouxeram à tua casa. Ele havia-me alugado um quarto no Hotel dos Príncipes.
Chica Valsa - Mas que lembrança a tua!
Clarinha - Lembranças as que tínhamos no colégio, hein? Aquilo sim!..
Chica Valsa - Ah! bom tempo! bom tempo!
Clarinha (Suspirando) O colégio!..
Chica Valsa (Suspirando.) - O colégio...
Dueto
Juntas - Tempo feliz da infância pura,
Em que há mamãe, em que há papai!
Tanto prazer, tanta ventura,
Fugiu veloz, bem longe vai!
Chica Valsa - Lembrada estás quando fui ao portão
Pra conversar cum estudante
Do qual conservo ainda - e por que não?
Muita cartinha interessante?
Clarinha - Lembrada estás de um professor
Que, me encontrando um dia a jeito,
Apertou-me contra o seu peito
E quatro beijos me pregou?
Chica Valsa - E felizmente o tal sujeito
Com isso só se contentou...
Juntas - Tempo feliz da infância pura, etc.
Chica Valsa - Hoje aqui - deixa que te diga!
Passo uma vida de invejar!
Clarinha - Eu não invejo, minha amiga,
O teu viver de lupanar!
Chica Valsa - Ah! naquele belo tempo,
Que passou, não volta mais,
Eu dar-te-ia esta resposta
Na linguagem dos teus pais:
(Pondo as mãos à ilharga.)
Eh! Olá! Não grimpes, não!
Ou retiras a expressão,
Ou co'esta mão
Dou-te muito pescoção
Clarinha - Eu poderia responder
(mesmo jogo de cena.)
Vosmecês não querem ver
Esta tipa sem pudor,
Negociando o seu amor,
E vendendo a quem mais der
Seus encantos de mulher!

Juntas - Ai que prazer!
Chica Valsa - Isto é melhor, pudera não!
Do que a linguagem de valão!
Juntas Ah! ah! ah! bonitas coisas
No colégio fui saber,
E hoje em dia,
Todavia,
Tenho ainda que aprender!
Que prazer a infância dá!
Outro assim não há!...
Chica Valsa Lembrada está de algUns dizeres
Que sem querer fui saber eu?
Diziam que teu pai morreu
Dois anos antes de nasceres
Clarinha Lembrada estás de certa história
Que foi bem pública e notória
No bom tempo que lá vai?
Nós não soubemos nunca o nome de teu pai!
Juntas Ah! ah! ah! bonitas coisas, etc.

Chica Valsa - Tu serás muito feliz, muito feliz, Clarinha; quem to assegura sou eu. (À parte.) O resultado é duvidoso...

Cena VI

As mesmas, Genoveva, depois o Escrivão

Genoveva (Entrando.) - Minh'ama, posso falar a vossemecê?
Chica Valsa - Por que não?
Genoveva - A vossemecê só?
Chica Valsa - Que temos?
Genoveva - Uma preta velha, acompanhada por um moço, que querem falar a vossemecê. Estão no corredor.
Chica Valsa (À parte.) - Oh! meu Deus!... Já nem me lembrava que Bitu podia chegar agora!
Clarinha - Estou te embaraçando?
Chica Valsa - Não, mas...
Escrivão (Entrando.) - Perdão, minha senhora, onde está sua senhoria, o senhor subdelegado? (À parte.) - A noiva do Barnabé aqui!
Chica Valsa - Não sei: está no meu bolso!
Escrivão - Vou procurá-lo. (Cumprimenta e diz à parte.) E no corredor o Nhonhô Bitu... Aqui há coisa... hei de saber! (Vai saindo e escorrega.)
Clarinha - Não caia, seu aquele!
Escrivão - Escorreguei no ispermacetes...
Chica Valsa - Tu, minha querida Clarinha, entra para este quarto; hei de ir ter contigo. Fica sossegada: não te casarás com o Mestre Barnabé.
Clarinha - Obrigada. (Sai.)
Chica Valsa - Manda entrar...
Genoveva - A preta velha e o moço?
Chica Valsa - O moço só, estúpida! (Genoveva sai.)

Cena VII

Chica Valsa, Bitu

Bitu (entrando.) Ora esta! era você?!...
Chica Valsa - Sim, era eu! Venha de lá esse abraço!
Bitu - Mas isto foi uma traição! (Á parte.) Ainda está mais bonita!
Chica Valsa - Não tenhas medo! Abraça-me...
Bitu (Abraçando-a.) - Medo de que ?
Chica Valsa - Estava com muitas saudades suas. Chamei-te para fazermos as pazes.
Bitu - Estão feitas! (À parte.) E Clarinha, que deixei presa em Maria Angu. (Alto.) Julguei que não tivesse voltado da Europa.
Chica Valsa - Há quinze dias... Havemos de conversar.
Bitu - E... o motivo da nossa separação?
Chica Valsa (Embaraçada.) Hein?
Bitu - O pomo?
Chica Valsa - Que pomo?
Bitu - O pomo da discórdia! O Sampaio!
Chica Valsa - E você a dar-lhe com o Sampaio! Que diabo! Seja razoável, Bitu!
Bitu - Não importa! Estou bem vingado!
Chica Valsa - Já sei que você pintou a manta em Maria Angu.
Bitu - A manta, o sete, o padre, o simão de carapuça e até a saracura! Pintei tudo! Mas...
Chica Valsa - Mas... falemos de nós.
Duetino
Chica Valsa - Até que enfim, Bitu, eis-me a teu lado!
Bitu - Enfim ao lado meu estás!
Chica Valsa - Ingratatão!
Bitu - Não me dirás
Por que é que fui por ti chamado?
Chica Valsa - Quero, ó Bitu, saber por quê
Lá em Maria Angu você
Me injuriou num papelucho!
Pois tu não sabes, meu Bitu
Que sem dinheiro não podias tu
Agüentar tamanho repuxo?
Bitu - Oh! Não me digas isso, não!
Eu te adorava, coração!
Se dispensasses tanto luxo,
Se não andasses tão liró,
Podias tu ser minha só!
Se bem que pobre como Jó,
Eu agüentava tal repuxo!
Chica Valsa - No peito meu rebenta uma esperança!
Inda és o mesmo, eu logo vi!
Meu coração enfim descansa!
Saudades tuas tive em França...
Bitu - Se tais saudades mereci,
Não me trouxeste uma lembrança?

Chica Valsa -Nem mesmo numa sepultura
Eu poderia me esquecer de ti;
Trouxe-te uma abotoadura...
Bitu - Oh! não me digas isso, não!
Talvez custasse um dinheirão!
Chica Valsa - Oh! não!
Bitu - Não me esqueceste, oh! que ventura!
É teu de novo o meu amor!
É tua a pena do escritor

E a tesoura do redator!
Eis-me a teus pés, ó minha flor!
- Mostra-me a tal abotoadura!

Cena VIII

Os mesmos, Genoveva, depois Clarinha

Genoveva (Entrando.) Minh'ama! Minh'ama!
Chica Valsa (Dirigindo-se a ela.) - Que temos?
Genoveva (Baixo.) - Aquele home, Escrivão de sinhô Sampaio, falou à preta velha que acompanhou aquele moço, depois foi muito apressado dizer não sei o quê a Sinhô Sampaio e Todos dois vêm aí. Sinhô Sampaio estava no Largo do Rossio. Vem furioso!
Chica Valsa (À parte.) - Fazer sair Bitu? Não! Há tão pouco tempo chegou... Ah! (Chamando.) Clarinha! Clarinha!
Bitu (À parte.) - Clarinha! Que coincidência de nomes!
Clarinha (Entrando.) - Que é?
Bitu - Que vejo! Ela!
Clarinha - Ah!
Chica Valsa - Conhecem-se?
Genoveva - Minh'ama, ele aí chegam.
Chica Valsa (A Clarinha e Bitu.) - Por favor, não me desmintam! A tudo quanto eu disser, Ora pro nobis; confirmem, ou estou perdida!
Clarinha E Bitu - Perdida!
Chica Valsa - Silêncio!

Cena IX

Os mesmos, Sampaio, o Escrivão

Sampaio (Entrando, zangado.) - Sei tudo! Sei tudo!
Chica Valsa - Que isto quer dizer?
Sampaio - Sei que a senhora e este senhor entendem-se perfeitamente!
Clarinha (À parte.) - Hein?
Sampaio - E que o recebeu em sua casa, isto é, em minha casa!
Clarinha - É só isso? É verdade que recebi este senhor em minha casa!
Sampaio - Minha! La maison est de moi! Je suis le subdelegué qui mande ici!...
Chica Valsa - Esta senhora é a minha melhor amiga. O Senhor Ângelo Bitu ama Dona Clarinha Angu, e é correspondido. Eu quis aproximá-los... (Baixo.) e malograr o seu intento, percebe?...
Quinteto
Sampaio - Hein?
Escrivão - Ih!
Sampaio - Oh!
Clarinha - Eu cá zombar não quis...
Chica Valsa - Se o senhor de mim desconfia,
Faz-me chegar a mostarda ao nariz!
Sampaio - Pois bem! que jure aqui reclamo
Que gosta do Bitu!
Clarinha - Já que assim quer, eu lhe juro que o amo!

Chica Valsa (À parte.) - A pobrezinha corada ficou,
Repetindo tais c'raminholas!
Escrivão(À parte.) - Vai dizer que sou um bolas!
Sampaio (A Bitu.) - E você lá, seu redator,
Aqui só está por causa dela?
Bitu - Juro, caríssimo senhor,
Que aqui vim ver a minha bela!
Escrivão -Uh!
Chica Valsa - Meu caro senhor, é por ela
Que se acha aqui Nhonhô Bitu,
E não foi senão para vê-la
Que ele deixou Maria Angu.
Juntos - Meu caro senhor, é por ela, etc.
Sampaio e Escrivão - Pois não será por causa dela
Que se acha aqui Nhonhô Bitu!
Foi para ver a tal donzela
Que ele deixou em Maria Angu.

Bitu e Clarinha - Não, não senhor, não é por ela
Que se acha aqui Nhonhô Bitu!
{vê-la e dar-lhe trela
Foi para {
{ ver-me e dar-me trela
Que lá deixei }
} Maria Angu!
Que ele deixou }
Sampaio (A Clarinha) - Mas não! Com Barnabé casar-se deveria!
Zombando estão de mim!
Chica Valsa - Aí com que perfeição
Mente aquele ladrão!
Sampaio - Isso é sério?
Bitu - Sério sou!
Escrivão (À parte.) - O pobre diabo acreditou!
Todos - A coisa está patente!
A Chica tem razão!
Não pode tanta gente
Fazer combinação!
Sampaio - Seu Escrivão, que diz a isto?
Você é um bolas, um grande animal!
Escrivão - Perdão! Enganei-me, está visto...
Julguei mal...
Eu fiz uma apreciação falsa...
Mas vendo estou....
Sampaio - Que vês tu?
Escrivão - Que a Senhora Chica Valsa
Não faz caso do Bitu!
Chica Valsa - Ora aí está que sem malícia
Me defende este Escrivão!
O Escrivão é da polícia;
Tem valiosa opinião.
Todos - Ora aí está que sem malícia
Me defende este Escrivão, etc.
Sampaio - Está tudo acabado! (Estendendo a mão a Bitu.) Seja meu amigo.
Bitu (Apertando-lha.) Obrigado, senhor.
Sampaio (Ao Escrivão.)- Você é um bolas, seu Escrivão!... Vá se deitar...

Escrivão - As ordens de Vossa Senhoria serão cumpridas à risca. (Vai saindo.) Sobem a escada...
Chica Valsa - Serão já os rapazes?
Escrivão - É o mestre barbeiro Barnabé. (À parte.) Decididamente, todo o Angu mudou-se para esta casa. (Sai.)
Chica Valsa - É o Barnabé!
Clarinha - Meu noivo!
Chica Valsa - É preciso que ele não te veja! (Conduzindo Clarinha e Bitu à direita.) Entrem para a sala de jantar. (Bitu e Clarinha saem.) Oh! que idéia! É preciso desfazermo-nos deste Barnabé! Já nem me lembrava dele! Clarinha deve pertencer-me! (A Sampaio.) Dê-me o seu apito.
Sampaio - Para quê?
Chica Valsa - Não ouve? Sampaio dá-lhe um apito, Chica Valsa tira uma pulseira do braço.)

Cena X

Os mesmos, Barnabé, depois dois Urbanos

(Música na orquestra.)

Barnabé (Sempre com a mala.)- Com licença! Já vim das figuras de cera. Mal empregados cinco tostões. Onde está minha noiva? (Enquanto Barnabé fala, Chica Valsa mete-lhe a pulseira no bolso: depois corre ao fundo e apita.)
Sampaio - Que é isto?
Barnabé - Que quer isto dizer?
Chica Valsa (Gritando.) - Um gatuno! um gatuno!...
Barnabé - Onde está o gatuno, minha senhora? onde está o gatuno? Socorro! pega! Pega!... (Entram dois Urbanos.)
Chica Valsa (Aos Urbanos, mostrando Barnabé.) - Camaradas, este homem introduziu-se em minha casa; é um gatuno! Vejam se ele não tem no bolso uma pulseira! (Os Urbanos revistam os bolsos de Barnabé.)
Barnabé - Mas que é isto?! eu não sou gatuno!... Não me meta a mão no bolso! Onde já se viu isto?!...
Chica Valsa - Prendam-no! (Os Urbanos acham a pulseira e entregam-na a Chica Valsa.)
Urbanos - Venha... venha! (Desembainham os refes e arrastam Barnabé para fora. Cessa a música.)
Sampaio (À parte.) - Esta mulher é da pele do diabo! Eu safo-me, senão é capaz de me mandar também para a cadeia! (Sai apressado.)
Chica Valsa - Venham... venham...
Clarinha (Entrando.) - Dali vimos e ouvimos tudo.
Bitu (Entrando.) - Para que prendê-lo?
Clarinha - Que prisão esquisita!
Chica Valsa (À parte.) - É quase meia noite: os rapazes não tardam... (Genoveva entra.) Clarinha, vai com a criada. Genoveva, leva esta moça para a saleta, onde passará a noite.

Bitu (Á parte.) - Ela vai dormir aqui?!
Chica Valsa - Deita-te, dorme bem, a amanhã conversaremos.

Cena XI

Chica Valsa, Bitu

Chica Valsa - Eis-nos sós. Não percamos tempo! Sabes jogar o bacará?
Bitu - Por quê?
Chica Valsa - Responde! anda!...
Bitu - Eu sei jogar tudo, desde o burro e o pacau até o xadrez.
Chica Valsa - Tens dinheiro? (Bitu coça a cabeça.) Empresto-te duzentos mil réis. (Dá-lhos.) Estás numa casa

de jogo; não sabias?
Bitu - Deveras?
Chica Valsa - Quero-te ao pé de mim, e só jogando poderei consegui-lo... Depois, acharei meio de me ver livre do Sampaio.
Bitu - Bem.
Chica Valsa (Com mistério.) - Eles aí vêm.
Bitu - Eles quem?
Chica Valsa - Os parceiros... Vem comigo... (Saem.)

Cena XII

Sota-E-ÁS, Jogadores, depois Chica Valsa, Bitu

(Sota-e-ás e Os Jogadores trazem Todos suíças postiças, casacões e bengalas.)

Coro - Dizem que é vício
Jogar, mas é
Amargo ofício,
Penoso até!
Dá-nos canseira,
Faz-nos suar
A noite inteira
Aqui passar!
A morcegada,
Que é muito sagaz,
Anda assanhada,
De pé atrás...
Estas suíças
É convenção
Trazer postiças
E casacão
Chica Valsa (Entrando.) Vêm disfarçados que faz gosto vê-los!
Sota-E-ÁS - Sim! sim! de jogadois nós somos os modeios!
Ente nós, ente nós não há nenhum potão!
Bitu (Entrando.) - Inda bem!
Os Jogadores - Céus! (Procuram esconder-se.)
Chica Valsa - Não tenham medo, não!
(Apresentando Bitu aOs Jogadores.)
Ora aqui têm mais um parceiro!
Não joga mal, mas tem dinheiro...
Vamos jogar! Fora a preguiça!
Então! Então!
Cartas na mão!
Sota - Mas ei não tem casacão...
Não tem também baba potiça...
Os Jogadores - Mas ele não tem casacão...
Não tem também barba postiça..
Dizem que é vício
Jogar, mas é, etc.

Cena XIII

Os mesmos, Clarinha, depois As Cocotes

Clarinha (A Chica Valsa.) - Enfim te encontro!
Os Jogadores - Uma moça!
Chica Valsa - Imprudente!
Que vens aqui fazer?
Clarinha - Prevenir-te que vi
Pelos vidros da janela muita gente
E algUns Urbanos que vêm para aqui!
Os Jogadores -Os Urbanos, oh, céus!...
Oh, meu Deus! oh, meu Deus!...
As Cocotes (Entrando assustadas.)
- A casa está cercada! a fuga é impossível
A gente toda é presa
E vai para a estação!

Ah! meu Deus! Com certeza
Temos multa e prisão!
Sota - Pisão!
Todos Pisão!
(Apitos fora.)
Chica Valsa - Não! Não! Não! Não!
Ninguém vai para a prisão!
Todos - Como assim?
Chica Valsa - O caso é já, neste momento,
Improvisar um casamento!
(Apontando para Bitu e Clarinha.)
E os noivos, ei-los aqui estão!
(AOs Jogadores.) Mas essas barbas? Visto
Está que nos denunciarão!
Sota - Pa não imos para a prisão,
É já escondê tudo isto!
Os Jogadores - É já esconder tudo isto!
(Durante o Coro que se segue, Sota-e-ás e Os Jogadores tiram e escondem os casacões, os chapéus, as barbas e as bengalas. Dois criados entram, e levam para dentro Todos os móveis.)
Coro de Urbanos(Fora.) - Quem estiver aqui jogando
Pra estação vai já marchar!
Guerra a vício tão nefando!
Guerra, guerra a quem jogar!
Chica Valsa (Declamando.) Eles aí vêm! Vamos, senhores, tirem pares para uma Valsa!
(Valsa com Sota-e-ás.) Valsai! Valsai!
Não parar nem um segundo!
Os desgostos deste mundo
A Valsar olvidai!
Valsai!
Todos (Valsando.) - Valsai! Valsai!, etc.

Cena XIV

Os mesmos, umA Autoridade, Urbanos

Urbanos - Quem estiver aqui jogando, etc.

Chica Valsa - Queiram dizer o que desejam.
A Autoridade - Os Jogadores que aqui estão!
Chica Valsa - Jogadores aqui não sei quais sejam!
Temos dois noivos... estes são!
(Mostra Bitu e Clarinha.)
Tivemos hoje um feliz casamento,
E o nosso baile vem cá perturbar!
porém não damos cavaco um momento.
E os convidamos até pra dançar!
Aos bons Urbanos
Nós, os paisanos,
Urbanamente queremos tratar...
Escolham pares,
E aos calcanhares
É dar sem dó.
(Á autoridade.) - Eu serei o seu par.
(Valsa com A Autoridade, enquanto os Urbanos Valsam com algumas dAs Cocotes.)
Coro - Valsai! Valsai!, etc.
Clarinha (Valsando com Bitu.)- Como isto é bom! Valsemos mais depressa.
Bitu - Dize, ó Clarinha, que me queres bem!
Clarinha - Teu desespero, benzinho, não cessa!
Sou tua, tua, e de mais ninguém!
Chica Valsa (Que ouviu.) - Será possível
(Deixa seu par.)
A Autoridade (Valsando só.) -Diga o que tem!
Chica Valsa - Eu... eu...
A Autoridade - Se quer, eu pararei também...
Chica Valsa (Disfarçando.) - Oh! céus! que vejo!
(Reparando nalguma coisa na sobrecasaca dA Autoridade.)
Um percevejo!
(À parte.) - Traída fui, mas eu me vingarei!
Vingada, sim, serei!...
Coro - Valsai! Valsai! etc.
(Valsa geral e muito animada.)

[(Cai o pano.)]

Ato Terceiro

Um arraial em Maria Angu, na noite da festa do Espírito Santo. Fogos de artifício. Balões de papel. À direita casa do Juiz da Festa e à esquerda um igrejinha, abertas ambas e iluminadas.

Cena I

Cardoso, Guilherme, Botelho, Chica Pitada, Gaivota, Teresa, Operários, Festeiros, povo, depois o Juiz da Festa

(Ao levantar o pano vem do fundo o bando do Espírito Santo. À frente o Imperador representado por uma criança. repiques de sino. Foguetes.)

Coro de Festeiros - Entoemos nosso hino
Perante o celeste altar,
Para louvar o Divino,

Para o Divino louvar!
(O bando do Espírito Santo entra na igreja.)
O Juiz da Festa (Saindo da casa e dirigindo-se aos que ficaram em cena.) Então, rapaziada! Venham trincar uma perna de peru cá em minha casa! Eu sou o Juiz da Festa! Viva o divino Espírito Santo!
Todos - Viva! viva o Juiz! Vamos! vamos!... (Festeiros e homens do povo seguem o Juiz, que entra em casa.)
Gaivota - Então? Não vamos nós também?
Guilherme - Eu não! Vão vocês, se quiserem!
Chica - Ora! é tão bom trincar uma perna de peru!
Cardoso - Trincar! Seria preciso que não tivéssemos coração!
Botelho - E que tivéssemos fome!
Cardoso - Trincar uma perna de peru quando não sabemos o fim que levou nossa filha!
Gaivota - Sabemos que não está presa, porque escreveu-nos, dizendo que a esperássemos hoje.
Botelho - Mas para que diabo foi aquela rapariga ler o maldito Imparcial? Isto é que me tem feito pensar!
Guilherme - E o que foi fazer na Corte com o subdelegado?.. Nadamos num oceano de conjeturas!
Chica - Uma mosca morta que não levanta os olhos!
Teresa - Parecia uma santinha!
Gaivota - De pau carunchoso!
Cardoso (Tirando uma carta da algibeira.) - Se ainda esta carta nos pusesse ao fato de alguma coisa, mas de fato não põe ao fato de coisa alguma! (Lê.) “Peço a Todos os meus pais e mães que hoje à noite se achem às oito horas na festa do Espírito Santo. Eu lá irei ter, e tudo saberão. Clarinha.”
Gaivota - Bem! uma vez que nos vem dizer tudo...
Teresa - É porque nada tem que ocultar.
Botelho - Está sabido! Mas queira Deus que ela diga toda a verdade... (Rumor fora.)
Todos (Subindo ao fundo.) Que é? Que é?
Chica - Uma moça bem vestida! Como vem cercada de povo! Aquilo é senhora da cidade!
Cardoso - Mas não! é ela! é a nossa rica filha!
Todos - Clarinha!
Botelho - Ei-la aí vem!..

Cena II

Os mesmos, Clarinha, Povo

(Clarinha vem exageradamente vestida, e acompanhada pelo povo.)
Coro - Ei-la! Ei-la! Vem tão janota!
Ei-la entre nós de novo enfim!
Mas que fatiota!
Onde ela foi vestir-se assim!
Cardoso Chegaste enfim!
Chica De onde vem tu?
Cardoso - Como é que assim nos aparece?
Chica - Deus me perdoe! Já não pareces
A filha de Maria Angu!
Coro - Deus me perdoe! Já não pareces
A filha de Maria Angu
Coplas
I
Clarinha - Fizestes muitos sacrifícios
para que eu não tivesse vícios,

E eu tive sempre paciências
de aparentar muita inocência!
Constante fui no fingimento;
Sonsa como eu nenhuma havia!
Tudo isso, devo ao meu temperamento,
Por temperamento eu fingia!
De Maria Angu
Eu cá sou filha, não há negar.
II
- Sou Clarinha Angu!
Filho de peixe sabe nadar...
Olhem lá!
Venham cá!

Sou Clarinha Angu!
Coro - De Maria Angu
Ela é a filha, não há de negar! etc.
Clarinha - Íeis me dar, não duvido,
Um maridão, um bom marido,
Porém a outro namorado
Meu coração eu tinha dado!
Querendo, embora por estúcia,
Impedir esse casamento,
Eu fiz com que me prendesse esta súcia!
Tudo por meu temperamento
De Maria Angu, etc.
Botelho - Como? pois foi por causa do teu temperamento que fizeste todo esse destempero?
Chica - Por que não nos disseste francamente a verdade, em vez de te deixares prender?
Cardoso - E como foste dar com o costado na Corte?
Clarinha (À parte.) - Aproveito a mentira do Sampaio. (Alto.) Fui para a Corte à disposição do chefe de polícia, que me mandou embora... Depois contarei tudo. Só o que lhes digo é que jugo ser traída!
Todos - Traída!
Clarinha - Por meu namorado!...
Chica - Não é outro senão Nhonhô Bitu!
Clarinha - Sim! É Bitu, é! E o que eu suspeito é verdade! Não me casarei com ele...
Cardoso - Nisso fazes bem!
Clarinha - E ficarei solteira toda a minha vida!
Gaivota - Nisso fazes mal!
Teresa - E Barnabé?
Guilherme - Sim! Que lugar reservas em tudo isso para Barnabé?
Clarinha - Não se ocupem com ele; ficou preso na Corte.
Todos - Preso!
Clarinha - Também depois hei de contar-lhes isso... Não estejamos cá. Há de vir aqui alguém, que encaminhei para cá, e não quero que me veja. Viva Deus! Hei de provar-lhes que sou a filha da minha mãe!
Botelho - Não parece a mesma...
Cardoso - Filho de peixe sabe nadar.
Clarinha - E ainda não viram nada!
Guilherme - E esse vestido? Quem foi que te pôs nesse chiquismo?
Clarinha - Foi meu pai!
Todos - Seu pai?!...
Clarinha - o Barão de Anajá-mirim!
Chica - O Barão de Anajá-Mirim?... É ele!...
Todos - Quem?
Chica - O Barão do Hotel Ravot!
Clarinha - Também depois hei de contar-lhes isso! Vamos! (Saída geral, com um motivo no último Coro.

Entra Sampaio, disfarçado, com um grande chapéu desabado e barbas postiças.)

Cena III

Sampaio, só

Sampaio - Cá estou. Vejo que fui o primeiro a chegar.Parece-me que estou bem disfarçado... Vejamos se esqueci de alguma coisa, pois tenho andado com a cabeça à razão de juros. (Tira uma carta da algibeira e lê.) “Senhor Sampaio” (Declama) Ela escreve Sampaio com o cedilhado! (Lê) “O senhor é enganado. Se quer saber quem é o amante de sua amante, esteja hoje à noite na festa do Espírito Santo, em Maria Angu. Vá disfarçado e leve os olhos bem abertos. - Clarinha” (Declama.) Clarinha! É ela, a noiva do Barnabé, essa bonita rapariga que daqui levei com intenção perversa, e me foi roubada pela Chica, que a entregou ao Barão de Anajá-mirim. Foi bem feito. O Barão encheu-a de presentes, porém, mal tinha trocado quatro palavras com a pequena, reconheceu que era pai dela, e naturalmente arrepiou carreira! Disse lá consigo: Nada! uma pequena que tem dois futuros e ainda aceita presentes, não é digna de ser minha filha! mas, Clarinha, que se mostrava tão amiga da Chica, escrever-me agora contra ela! À custa de quem quererá divertir-se esta moça? À minha? Mas sou muito grande para palito. Que horas serão? Ali no relógio da igreja é meia noite há oito anos. meia noite ou meio dia. Creio que a impaciência fez-me vir antes de tempo... Se eu visse a Clarinha... (Saindo pela esquerda.) procuremo-la. (Sai)

Cena IV

Barnabé, depois Sampaio

(Barnabé entra correndo e também disfarçado.)
Barnabé - Uf! Eis-me enfim em Maria Angu... e quase reduzido a angu! Que é isto? ah! a festa!... Sarcasmo do destino!... (Pausa.) Quantas atribulações para um pobre barbeiro sangrador! No dia do meu casamento sangram-me o coração: prendem-me a noiva antes que eu a prendesse com os laços do himeneu! Sei que ela foge para a Corte, levada pelo subdelegado! Vou também para a Corte e tenho a satisfação de saber que ela não tinha fugido, mas fora apenas conduzida à presença do chefe de polícia. Não sei como nem como não, roubo uma pulseira, que é encontrada no meu bolso, prova cabal que a roubei... mas como? Mandam-me prender por Uns Soldados que são tudo menos Urbanos, e ferram comigo na estação dos ditos, na Travessa do Rosário. No xadrez encontro o Jerônimo, vulgo cabeçada, preso também por ter dado uma cabeçada num sujeito que lhe pilhou dando um beijo em sua mulher... (Como lhe devia ficar a cabeça!) O Jerônimo é um amigo velho; fui eu que lhe emprestei duzentos mil réis, quando residi na Corte, para prestar fiança quando quis ser

condutor de bondes. Por sinal nunca mais vi a cor desse dinheiro! Levamos toda a noite a contar um ao outro nossas desventuras. O Jerônimo lembrava-se dos duzentos mil réis, e teve pena de mim... Tinha de sair logo de manhãzinha do xadrez, e, como não fazia muito empenho em tornar a ver a mulher, lembrou-se de me fazer sair em seu lugar. Vesti a sua roupa, ele vestiu a minha, pus o seu chapéu, e quando vieram soltá-lo, zás! por aqui é o caminho! Estava ainda no Largo do Rossio, quando ouvi gritar: “Pega! pega!” Pernas pra que te quero?! Olho um tílburi que saía! Brr... Entrei na estação... noutra, mas desta vez na da Estrada de Ferro... Felizmente o trem estava sai-não-sai... Em viagem lembrei-me de minha mala, mas o colete é o meu e os cobres cá estão... Chego a Maria Angu mais morto que vivo, e eis-me numa festa! Numa festa... E talvez a estas horas a minha Clara gema no ovo!... O ovo é o xilindró...
Sampaio (Entrando.) - Não a encontrei.
Barnabé - Vim buscar o auxílio de meus sogros e de minhas sogras, mas parece estar escrito no livro do destino que não há livro do destino que a aguarda!...
Sampaio - Já devem ser horas.
Barnabé - Vou procurá-los.
Sampaio - Vamos por outro lado... (Esbarram-se.)

Ambos - Você está cego?
Sampaio - Oh! que bruto!
Barnabé - Pra lá!
Ambos - Céus! Quem será?
(Afastam-se com medo um do outro.)
Sampaio - Quem será?
Barnabé - Quem será?
Ambos (À parte.) - Será, pois não! imensa asneira
Medo por ele aqui mostrar!
Eu vou, vou já, de um capoeira
As aparências tomar!
(Provocam-se como os capoeiras.)
Sampaio - Você não vê por onde anda!
Barnabé (À parte.) - Ai! que o sujeito é valentão!
(Alto) É que eu olhava pra outra banda...
Sampaio (À parte.) - Este indivíduo é fracalhão!
(Alto.) Zangado estou, e vou-lhe às ventas!
Barnabé (À parte.) - Se eu recuar, perdido estou!
(Alto.) Eu quero ver se tu sustentas
O que da boca te escapou!
Se não retiras a expressão
Fanfarrão!
Levas muito cachação!
Sampaio (À parte.) - Ele é valente! Haja prudência!
Barnabé (Avançando.)- Há de ter santa paciência:
Apanhas como ladrão!
Sampaio (Fugindo, à parte.) - Ele me quer limpar a roupa!
Barnabé (À parte.) - O fanfarrão tremendo está!
(Alto, avançando.) Fazer-te quero numa sopa!
Sampaio (Fugindo.) - Adeus, e fique-se por cá!
(Barnabé agarra-o pelas barbas, que lhe ficam na mão.)
Barnabé - Hein? Deixou de ser barbado!
Sampaio - Bico! Bico por quem é!...
Barnabé - Que vejo? O subdelegado!
Sampaio (Á parte.) - Conheceu-me! Passo o pé!
(Vai fugir.)
Barnabé - E eu cá sou o Barnabé!
Sampaio (Voltando.) - O Barnabé!
Juntos - Ah!ah!ah!ah!ah!ah!ah!
Estou aparvalhado!
Caso mais engraçado!
Decerto que não há!
- Ah!ah!ah!ah!ah!ah!ah!
Sampaio - Mas como pode isto ser? Eu supunha-o preso!
Barnabé - Preso não estou; estou apenas surpreso! (Lembrando-se.) Mas... oh, meu Deus... dar-se-á caso que Vossa Senhoria queira catrafilar-me outra vez? Acredite que estou inocente!...
Sampaio - Descanse. Folgo até de encontrá-lo aqui.
Barnabé - Por quê?
Sampaio - Quer me parecer que nós somos enganados...
Barnabé - Vossa Senhoria, quando diz “nós”, fala como autoridade, ou refere-se a mim também?
Sampaio - Falo como barbeiro. Vejamos se alguém nos ouve... (Sobem a cena e observam, um à direita, outro à esquerda. Sampaio põe as barbas.)
Barnabé - Senhor subdelegado, onde está Vossa Senhoria? Ah! Cá está! Com as barbas já não o conhecia! (Clarinha aparece ao fundo e aí se conserva.)

Cena V
Os mesmos, Clarinha

Sampaio - Ninguém.
Barnabé - Ninguém também por este lado...
Clarinha (À parte.) - Hein?...
Sampaio - Este meu disfarce não o admira?
Barnabé - Decerto...
Sampaio - Pois foi sua noiva quem me aconselhou que o arranjasse.
Barnabé - Clarinha?
Clarinha (À parte.) Meu nome?...
Sampaio - Ela escreveu-me...
Barnabé - A Vossa Senhoria?...
Sampaio - Para dizer-me e provar-me que Chica Valsa me engana... Agora não vá dar com a língua nos dentes... Eu sou viúvo e tenho três filhas solteiras...
Clarinha (À parte.)- É o Sampaio! E o Barnabé solto!
Barnabé - Mas Clarinha não está presa? Não está embrulhada nestes negócios da leitura do Imparcial?
Sampaio - Não, tolo: a Clara não está embrulhada...
Barnabé - Esta embrulhada é que não está clara!
Sampaio - Foi ela que lhe arranjou aquela prisão; que lhe meteu a pulseira no bolso!
Barnabé - Ela!...
Sampaio - Queria desfazer-se de você!
Barnabé - De mim?!
Sampaio - Aqui para nós, que ninguém nos ouve: aquela sua noiva não é lá muito boa peça...
Clarinha (À parte.) - Ah!
Barnabé - Clarinha! um anjo de inocência e de candura!
Sampaio - Você é um bolas seu Barnabé!
Barnabé - Chame-me Vossa senhoria o que quiser... para mim é o mesmo... mas não diga mal da pobrezinha! Hei de defendê-la, enquanto puder, contra tudo e contra Todos!
Sampaio - Que lhe faça bom proveito!
Barnabé - Ela! Tão bonita, tão boa, tão amável, tão honesta!
Clarinha (À parte.) - Pobre rapaz!
Sampaio - E se eu lhe provar que ela está cá?
Barnabé - Ela quem? Clarinha? Aqui?!..
Sampaio - Olhe, ouça: vamos percorrer a festa, e, se a encontrarmos, desejo que ela não me conheça. Quero observá-la a fim de saber com que fim me escreveu...
Clarinha (À parte.) - Ah! tu não queres ser conhecido. (Vai-se.)
Barnabé - Ela? Ela? decididamente fico idiota!
Sampaio - Siga-me, digo-lhe eu: mas, quando a virmos, não fale. Evitemo-la, sem a perder de vista. (Clarinha cantarola no bastidor.) Uma voz de mulher!
Barnabé - Ai! meu Deus!
Sampaio - Quem é?
Barnabé - É ela! É ela!
Sampaio - Ela!... (Levando-o para um canto.) Deixemo-la passar! (Clarinha entra, sempre cantarolando, e, depois de percorrer o fundo, aproxima-se dos dois e finge que se assusta.)
Clarinha - Ui! Os senhores meteram-me um susto!
Barnabé - Pois quê! É ...
Sampaio (Dando-lhe um empurrão.) - Cale-se!
Clarinha - Ah! desculpem... não os conheço. Estão aqui para a grande questão, não é assim?
Sampaio (Disfarçando a voz.) - Que questão?
Clarinha - Trata-se de mim...
Sampaio - Ah! trata-se da senhora?
Clarinha - De mim, Clarinha Angu.

Barnabé (À Parte.) - E como está vestida!
Sampaio - Ah! a senhora é...
Clarinha - Imagine o senhor que me queriam casar com um homem, oh! um homem de bem, às direitas...
Barnabé (À parte.) - Ah!
Clarinha - mas tolo...
Barnabé (À parte.) - Eh!
Clarinha - Um coração invejável, um caráter como poucos...
Barnabé (À parte.) - Ih!
Clarinha - Um bom rapaz, enfim...
Barnabé (À parte.) - Oh!
Clarinha - Mas, como já disse, tolo o que se pode chamar tolo!...
Barnabé (À parte.) - Uh!
Terceto
Clarinha - Está na conta o Barnabé
Para ser irmão ou amigo;
Porém meu ideal não é...
Não há de se casar comigo!

Barnabé - Céus! ela o que dizendo está!
Sampaio - Je comprends ça, je comprends ça!
Clarinha - Muito me custa vê-lo aflito,
Mas eu a outro amava já...
Barnabé - A outro!
Clarinha - Muito mais bonito!
Sampaio - Je comprends ça, je comprends ça!
Barnabé - Ah, meu Deus! cambaleio!
No chão vou já cair!
Clarinha - Mas o meu namorado, creio,
Está pensando em me trair
Aí está o mistério
Que devo desvendar!
É esse o caso sério
Que tem-me feito suar!
Os Três - Aí está o mistério
Que deve desvendar! Devo
É esse o caso sério
Que me tem feito suar!
Clarinha - Sabem vocês quem é a Chica Valsa,
Que vive Os Homens a enganar?
Barnabé - Sim, eu...
Sampaio - Não sei.
Clarinha - Foi uma amiga falsa,
Mas eu a vou desmascarar:
Certo amante muito arruinado
Cedeu lugar ao macacão
Sampaio, o tal subdelegado...
Sampaio - Ao macacão!
Barnabé (À parte.) - Toma lá, meu vilão!
Clarinha - O macacão tudo lhe dá,
Mas a Chica é mulher leviana:
Com o seu antigo amante, olá!
O s'or subdelegado engana!
Sampaio - Céus! ela o que dizendo está!
Barnabé - Je comprends ça, je comprends ça!
Clarinha - Essa mulher da pá virada
Eu sei que considera já
O Sampaio um paio e mais nada!

Barnabé - Je comprends ça, je comprends ça!
Ah, meu Deus! cambaleio!
No chão vou já cair!
Clarinha - É co meu namorado, creio,
Que a Chica os eu conta iludir!
E aí está o mistério, etc.
Sampaio (Tirando as barbas.) - Olá! eu sou o subdelegado!
Clarinha - Já disso sei!
Sampaio - Já sabe então?
Clarinha - Olé!
Barnabé - E eu cá sou...
Clarinha - O Senhor Barnabé.
Barnabé - Sabia então?
Clarinha - Ora se não!
Sampaio - Vingança eu vou tomar!
Clarinha - Vai tudo transtornar!
Daqui afastemo-nos já!
(Sobe ao fundo.)
Céus! Bitu que ali está!
OS DOIS - Bitu!
Clarinha (Descendo.) - Vingança!
Vingar-me é a minha esperança
Pra vingar-me um belo dia
Desse grande lheguelhé,
Eu capaz até seria...
(A Barnabé.) De casar-me com você!
Venham cá!
Venham já!
Vocês vão conhecer-me,
E dizer-me

Depois,
“Tens talento por nós dois”!
Os Dois - Vamos lá
Vamos já!
Vamos lá conhecê-la
E dizer-lhe depois
“Tens talentos por nós dois!”
(Saem)

Cena VI

[Bitu, só]

Bitu (Entrando do fundo.) - Eis-me enfim na festa do Espírito Santo, o único espírito que há nesta terra, não falando no engarrafado e no meu. Como me bate o coração! A Chica escreveu-me, pedindo-me uma entrevista para hoje, as nove horas, aqui! É esquisito! Uma entrevista em Maria Angu, quando na Corte não nos faltava sítio... Ela, enfim, tem lá suas razões...

Cena VII

Bitu, Chica Valsa

Chica Valsa (Vestida de preto e de véu espesso.) Enfim te encontro!
Bitu - Acho-te enfim!
Chica Valsa (Levando as mãos ao peito.) - Estou com o coração nas mãos...
Bitu - Não! estás com a mão no coração.
Chica Valsa - Obrigas-me a fazer coisas...
Bitu - Que receias tu?
Chica Valsa - Estou exposta a tanto! podia ser alguma cilada... mas, enfim, cá estás; estou mais sossegada. Fiz tudo o que me recomendaste em tua carta.
Bitu - Em minha carta?
Chica Valsa - Que tal achas este vestuário de viúva? Não é assim que querias?
Bitu - Que eu queria, como? Não te entendo!
Chica Valsa - Pois tu, a quem não via desde aquela noite fatal, em que brigamos por causa da Clarinha Angu, não me escreveste ontem...
Bitu - Eu?
Chica Valsa - ... dizendo que me achasse aqui, na festa do Espírito Santo, às nove horas, assim vestida?... Achei o lugar esquisito, quando na Corte poderíamos fazer as pazes!
Bitu - Mas foste tu quem escolhestes o lugar, benzinho.
Chica Valsa - Eu, meu amor?
Bitu - Tu, meu coração; nesta cartinha que já sei de cor e salteado!
Chica Valsa - Uma cartinha que eu te escrevi! Eu?!...
Bitu - Estás arrependida?
Chica Valsa - Queres divertir-te à minha custa?
Bitu - Já não te lembras? Nesse caso ouve lá! (Lê a carta.)
Dueto
- “Qu’rido Bitu que se esqueceu de mim,
É meu amor, amor sem fim!
Eu devo confessar, Nhonhô, que ao fazer desta
Padece o peito meu, e a causa disso és tu!
Hoje, às nove da noite, espero-te na festa,
Lá em Maria Angu.
Apaga-me esta chama,
Sufoca-me estes ais,
E não te esqueças mais
Desta infeliz que te ama.”
Chica Valsa - Assina-se quem?
Bitu - Vê: “Chica Valsa”.
Chica Valsa - Traição!
Bitu - Esta firma é falsa?
A carta que aqui está
Tua não é?
Chica Valsa - Ouve lá!
(Lendo outra carta que tira do seio.)
“Não passo de um jornalista da roça,
Sem ter futuro, sem ter posição,
Mas, meu amor, por ti sinto paixão;
Viver sem ti não suponhas que eu possa!
Longe, lá em Maria Angu
Há hoje festa do Espírito Santo.
Nesse poético recanto,
Meu doce amor, não queres tu,
Fingindo ser senhora viúva,
De capa preta, véu e luva,
Ir encontrar o teu Bitu?

Como eu presumo que me adoras,
Sem falta, amor, contigo conto,
Se tu não vem às nove horas
Eu me mato às dez em ponto!”
Bitu - Isto por artes só de Belzebu!
E assina quem?
Chica Valsa - Vê: “Ângelo Bitu.”
Ambos - Que cilada se armou!
Eu envergonhado
Chica Valsa - Fugir, fugir, se é tempo ainda!
Bitu - Não!... Para quê?
Aqui fique você!
Minha Chica, tu és tão linda!
Oh! Eu te adoro!... O meu segredo aí está!
Ninguém o saberá!

Cena VII

Todos os personagens deste ato

(Todos, ao fundo, ouviam as últimas palavras de Chica e Bitu.)
Coro - Ah! ah! ah! ah!
Segredo, olá!
Que todo mundo sabe já!
Bitu - Este senhora é muito minha!
Qu’remos passar!
Clarinha (Aparecendo.) - Mais devagar!
Todos - Clarinha!...
I
Clarinha - Estás aí, Chica Morais?
Tem paciência: ouvir-me vais,
Pois me fizeste, por traição,
Ir ter cum velho solteirão!
Ó coisa ruim, não julgues tu
Que eu chore a perda do Bitu,
Canalha a vil que a quem mais der
Vende o jornal, vende a mulher!
Com ele podes tu ficar!
Luvas te devo até pagar!
Livre fiquei, graças ao céu,
De semelhante chichisbéu!
A mão lhe dá de esposa
E o mundo então dirá:
Não é lá grande coisa;
mas casada está!
Coro
- Que tal a rapariga?
Arrasa o seu Bitu!
Não há que se lhe diga!
Bem mostra ser Angu!

II
Chica Valsa - Estás aí, Clarinha Angu?
Ouve também agora tu,
ó donzelinha, que a falar,
Um batalhão fazes corar!
não te faz conta o meu Bitu,
Porque o prender não podes tu;
Se ele aceitasse o teu amor,
Tu lhe darias mais valor...
Porém sabendo ficarás...
Não faço empenho no rapaz;
Casem-se, e não mostres assim
Tão negra inveja ter de mim!
A mão lhe dá de esposa, etc.
(As duas chegam às vias de fato; Sampaio vai separa-las e apanha bordoada)
Sampaio - Um bofetão me pespegou, senhora!
Chica Valsa - Quem é você? Não me dirá?
Sampaio (Tirando as barbas.) - Não me conheces agora?
Chica Valsa - Também você? Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!
Todos - Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!
Sampaio (Furioso) - ‘Stou zangado!

‘Stou danado!
Vou de cólera saltar!
Ó senhora,
Sem demora
Vamos contas ajustar!
Bitu - A Chiquinha
Só é minha!
Não a podes maltratar!
Meu amigo,
Só comigo
Terá contas a ajustar!
Todos - Mas que é isto?
Jesus cristo!
Não precisam disputar!
Tudo agora
Sem demora
Vai-se elucidar!
(Confusão geral)
Clarinha - Cesse o rumor! basta de bulha!
(A Chica Valsa.) Dá-me tua mão!
Chica Valsa - Pois queres apertar...
Clarinha Não faças caso: isto foi pulha!
Não deve a gente se zangar!
Chica Valsa(Apertando a mão de Clarinha.) - Pois bem!
Sampaio - Mas ouçam cá!
Clarinha (A Sampaio.) - Neste momento
O que de melhor vai fazer,
Pra reputação não perder,
É aceitá-la em casamento!
Chica Valsa - E eu dou-lhe o meu consentimento!
Em casa do juiz agora um baile invento!
(A Sampaio.) Queira-me acompanhar.

(Entra na casa do Juiz da Festa acompanhada por Sampaio.)
Coro - O que irá ela ali buscar?
Barnabé (A Clarinha, que tem estado a chorar.)
- Que vejo! Choras tu, Clarinha?
Clarinha - Eu não...
Barnabé - Tu sim, que vendo estou!
Coro - Então tu choras?
Clarinha (Enxugando os olhos.) - Já passou!
Bitu - Arrependeu-se a sinhazinha?
Oh! se assim foi, eu lhe ofereço a mão!
Clarinha - Você não me conhece, não!
De raiva é que é este choro!
De raiva é que isto é!
Perdi o meu tesouro!
Perdi o Barnabé!
(Estendendo a mão a Barnabé, sem olhar para ele.)
Pois se eu lhe disser :”Toca”
Ele é capaz, até
De oferecer-me em troca,
Em vez da mão... o pé...
Barnabé (Tomando-lhe a mão com amor.) - Eu te juro!
Eu rejuro
Pelas cinzas do meu pai,
Ó Clarinha
Vida minha,
Que o passado já lá vai!
Coro - Que nobreza!
Que franqueza!
Que vergonha pro Bitu!
Que barbeiro
Cavalheiro!
Casa-se Clarinha Angu!..,
Bitu (À parte.) - Ah! lá se vai o meu amor
Como a mamã, porém, fará!...
O que for
Soará...
Chica Valsa (Voltando, acompanhada por Sampaio.)

- Eu convido este ilustre auditório
Pra na casa dançar do juiz!
Barnabé - Ai, meu Deus! como eu sou feliz!
Vou celebrar meu casório!
Chica Valsa - Pois vai casar-se mais alguém?
Quem?
Clarinha - De Maria Angu
A filha é noiva de Barnabé!
Sou Clarinha Angu!
Filho de peixe peixinho é!
Olhem cá!
Vejam lá!
Sou Clarinha Angu!
Coro - De Maria Angu
A filha é noiva de Barnabé!
É Clarinha Angu!
Filha de peixe peixinho é!
Olhem cá!
Vejam lá!

É Clarinha Angu!

[(Cai o pano)]
FIM